

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA
Instituto de Estudos Avançados
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

PROJECTO II

(VOLUME II)

ANEXOS

**“O PAPEL DO COORDENADOR DE DEPARTAMENTO COMO PROMOTOR DO
TRABALHO COLABORATIVO ENTRE OS PARES” (ESTUDO DE CASO)**

MARIA JOÃO CARRAMONA SALTÃO

MESTRADO NA ÁREA CIENTÍFICA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: GESTÃO, AVALIAÇÃO E SUPERVISÃO
ESCOLAR

Unidade Curricular: PROJECTO II

LEIRIA 2011

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA
Instituto de Estudos Avançados
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais

PROJECTO II

(VOLUME II)

ANEXOS

**“O PAPEL DO COORDENADOR DE DEPARTAMENTO COMO PROMOTOR DO
TRABALHO COLABORATIVO ENTRE OS PARES” (ESTUDO DE CASO)**

MARIA JOÃO CARRAMONA SALTÃO

MESTRADO NA ÁREA CIENTÍFICA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: GESTÃO, AVALIAÇÃO E SUPERVISÃO ESCOLAR

Unidade Curricular: PROJECTO II

Docente Orientadora: Professora Doutora Maria Antónia Barreto

LEIRIA 2011

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1

Guião da Entrevista

Anexo 2

Grelha de perfil dos entrevistados

Sinopse das Entrevistas (A, B, C, D, E, F)

Anexo 3

Grelhas de análise de conteúdo

Grelha de categorização resultante da análise de conteúdo

Índice de tabelas

Tabela nº 1: Meios / situações de concretização do trabalho em equipa

Tabela nº 2: Momentos de realização do trabalho colaborativo

Tabela nº 3: Benefícios do trabalho colaborativo, na perspectiva dos coordenadores

ANEXO 1

| A. Objectivos | B. Guião da Entrevista |
|---|--|
| <p>I. - Identificar o perfil do entrevistado</p> | <p>1.1. Que idade tem? 1.2. Quais as suas habilitações académicas? 1.3. Qual o número de anos de serviço na função docente? 1.4. Há quantos anos trabalha neste agrupamento? 1.5. Qual o nível de ensino que lecciona? 1.6. Há quanto tempo exerce o cargo de Coordenador de Departamento?</p> |
| <p>II. - Identificar a percepção dos Coordenadores face à colaboração entre docentes do Departamento.</p> | <p>2.1. Considera que há trabalho colaborativo no seu departamento? Justifique. 2.2. Como é feito o trabalho de partilha e entretajuda? 2.3. Em que situações é executado o trabalho colaborativo no seu departamento? 2.4. Quais os benefícios obtidos, pelo departamento, do trabalho colaborativo? 2.5. Em que momentos do ano é feito o trabalho colaborativo? 2.6. Quais os processos de colaboração e de reflexão utilizados pelos departamentos curriculares na concepção e implementação do Projecto Educativo de Escola? 2.7. Em que medida é que a avaliação docente veio limitar ou promover o trabalho entre pares no departamento? 2.8. No caso de haver trabalho colaborativo quais são os objectivos?</p> |
| <p>III. - Perceber as dificuldades / constrangimentos do exercício da colegialidade docente.</p> | <p>3.1. Quais são as dificuldades / constrangimentos que sente no desempenho de Coordenador(a)? 3.2. Considera que a existência de subgrupos pré-formados limita o trabalho entre pares no departamento? Justifique. 3.3. Considera importante a qualidade de interacções e um clima relacional construtivo? Porquê? 3.4. Considera que no seu departamento existem constrangimentos para o trabalho colaborativo? Quais?</p> |
| <p>IV. - Averiguar a promoção do trabalho colaborativo.</p> | <p>4.1. Estimula os docentes que coordena a trabalhar em parceria? Como? 4.2. Como é fomentado, no seu departamento, o desenvolvimento de interacções participativas? 4.3. Pensa que no seu departamento há docentes que tendem para um isolamento profissional? 4.4. Que razões encontra / aponta para que esse isolamento profissional exista no seio do departamento? 4.5. Que estratégias desenvolve para inverter esta situação? 4.6. Entende que a promoção do trabalho colaborativo depende do perfil do coordenador? 4.7. Quais as medidas que aplica para que todos os docentes do seu departamento (sem excepção) trabalhem em colegialidade?</p> |

ANEXO 2

Grelha de perfil dos entrevistados

| Departamentos | | | | | | |
|--|--|---|--|---|------------------------------|--|
| Identificação do perfil do entrevistado | Línguas | Matemática e Ciências Experimentais | 1º CEB | Ciências Sociais e Humanas | Pré-Escolar | Expressões |
| | A | B | C | D | E | F |
| 1.1. Idade | 53 | 41 | 59 | 47 | 51 | 53 |
| 1.2. Habilitações académicas | Lic. em Línguas e Literaturas Modernas; Pós-Graduação em Gestão Escolar | Lic. em Biologia; Mestrado em Biologia Vegetal | Magistério Primário; Formação equiparada a Licenciatura | Licenciatura em História e Ciências Sociais | Lic. em Educação da Infância | Licenciatura em Ensino da Educação Tecnológica |
| 1.3. Número de anos na função docente | 27 | 17 | 33 | 26 | 32 | 30 |
| 1.4. Número de anos ao serviço do agrupamento | 18 a 20 | 7 | 7 | 20 | 10 | 6 |
| 1.5. Nível de leccionação | 3º CEB (7ºano) | 3º CEB e Secundário (7º,12ºanos) | 1º CEB | 2º CEB (5º, 6º anos) | Pré-Escolar | 2º CEB (5º, 6º anos) |
| 1.6. Exercício do cargo (em anos consecutivos) | 4 | 5 | 3 | 9 | 3 | 4 |

Sinopse das Entrevistas

| Objectivo – Identificar a percepção dos Coordenadores face à colaboração entre docentes do Departamento | |
|--|---|
| Dpts. | Questão 2.1. Considera que há trabalho colaborativo no seu departamento? Justifique. |
| A | É assim, considero que se tem feito um esforço e que ultimamente temos trabalhado muito mais em grupo e em equipa do que seria aqui há uns anos atrás, contudo eu penso que ainda está aquém do desejável. Acho, acho que deveríamos ter, ... mas isso também é uma questão, ah... de prática de horários e de... - não tem sido política da escola fazer uns horários coincidentes, de modo a que as pessoas possam reunir. Então as quartas-feiras nem sempre dá para ... temos já outras reuniões, conselhos de turma, outros projectos, muitas actividades na escola, à quarta-feira à tarde essencialmente ... as pessoas se reúnem e fazem trabalho em equipa. Graças às tecnologias de informação, eu acho que esse trabalho de equipa é feito muitas vezes fora, fora do nosso tempo lectivo, em tempo não lectivo para preparação de aulas, do género, fazemos uma ficha, mandamos por <i>mail</i> à colega, tu sabes. |
| B | Considero que as pessoas partilham materiais, não é formalmente, muitas vezes. Em termos de partilha de material pedagógico elaboram-se testes comuns, sempre que é possível. Faz-se mais ao nível do secundário. Há muita coisa que não se faz de maneira formal, mas em conversas partilhadas. |
| C | Há trabalho colaborativo, trabalho de equipa. Nós estamos constituídos em grupos. Temos 4 grupos - cada grupo por ano de escolaridade, e portanto, tudo o que diga respeito à organização, quer pedagógica, quer administrativa, quer funcional, quer ..., portanto, a operacionalização de toda a transversalidade do 1º ciclo é feito por esse grupo no ano e esse grupo depois, interage, todos os grupos interagem de maneira a que ahm ... tudo aconteça com o conhecimento de todos. Isto é, quando um grupo do primeiro ano, não é, planifica para o primeiro ano de todo o agrupamento e depois partilhamos tudo, tudo, tudo, tudo. Portanto desde a planificação anual, a planificação mensal, as actividades do plano anual de actividades, etc - tudo isso é delineado através desses grupos e depois... |
| D | Há grupos que trabalham bastante a esse nível, tem muito a ver muito com as afinidades de cada grupo, mas no geral posso considerar que sim, sim. Há trabalho colaborativo a vários níveis. |
| E | Muito. Temos reuniões de departamento e é aí depois que definimos todo o trabalho para o mês. |
| F | Quer dizer.... Há, há algum. Se calhar poderia haver mais, porque eu penso que as pessoas...ainda há uma cultura ainda enraizada e um pouco individualista. Penso que o ensino tem muito ainda isso. Falta ainda muito trabalho de equipa e... mas acho que vai aos poucos, acho que as pessoas, pronto, acho que estão mais receptivas, se calhar, do que antigamente. Acho que tem evoluído para melhor, sim. Mas falta muito ainda. Ainda falta muito. |

| | |
|-------|--|
| Dpts. | Questão 2.2. Como é feito o trabalho de partilha e entreajuda? |
| A | Ah então já estava a responder a essa questão. O trabalho, muitas vezes é feito no horário, nas nossas casas, no horário pós-lectivo em que a pessoa faz pesquisas, depois elabora uma ficha e põe à consideração da colega, manda por <i>mail</i> , depois a colega acrescenta outras coisas e pronto ... Fichas de trabalho, os testes também, cada vez mais os testes, segundo me apercebo e tenho estado a pressionar as pessoas... há sempre excepções. Quando a pessoa tem um nível apenas, está sozinha, tem que trabalhar sozinha. Por exemplo já me aconteceu, tive isso o ano passado. Mas de um modo geral as pessoas dão o mesmo teste para todo o ano lectivo, utilizam os mesmos materiais, portanto o trabalho colaborativo, eu penso que tem..., temos evoluído e está a ser feito, mesmo sem termos muitas condições na escola, em termos de tempo para isso... |
| B | É feita por docentes da mesma disciplina, do mesmo ano / nível de ensino. É feito entre docentes que leccionam o mesmo nível e a mesma disciplina. |
| C | Esses grupos funcionam...têm alguma autonomia, depois em conselho de docentes afinamos sempre, partilhamos sempre tudo o que cada grupo ou decidiu, ou entendeu que seja melhor, ou se queremos, por exemplo introduzir uma prática nova, ou uma coisa que alguém já teve experiência e com sucesso, chega ali e diz olha nós já fizemos isto e houve sucesso e então partilhamos todos, portanto é sempre a partir desse grupo que partimos para o grupo alargado. |
| D | Pronto, onde eu visualizo mais é nas actividades extra curriculares mas também se concretiza nas curriculares, em termos de grupo de recrutamento, também trabalham muito na vertente curricular, mas para mim é mais perceptível nas actividades extracurriculares em que vários se conjugam para a mesma actividade, portanto aí de facto é mais visível até, sem dúvida. |
| E | Nós reunimos uma vez por mês nas reuniões de departamento. O projecto é comum, a todas e depois partilhamos as actividades, avaliamos as do mês que passou e programamos, planificamos as do mês que está..., que vai para a frente, é sempre assim. Em todos os jardins se trabalha, por exemplo, nós temos este dia «a crescer em segurança, é o nosso tema». Por exemplo, agora trabalhamos a pares. Tudo o que é relativo à Páscoa tem que ter a componente da segurança. Vamos articulando as coisas. Por exemplo, se for a um Jardim de Infância da Mata Mourisca, está toda a gente a trabalhar ovos e bolos e essas coisas da Páscoa e então alerta-se para os perigos que há com o fogo, com o gás que é o trabalho da segurança. |
| F | Olha é mais, sei lá, nas reuniões, geralmente no início do ano, quando planificamos as nossas actividades, portanto planificamos as nossas actividades curriculares, as actividades extra-curriculares e depois há todo um trabalho de conjunto, pronto as actividades extracurriculares, não é – tentamos, de alguma maneira, ir ao encontro, portanto, das metas, do projecto |

| | |
|--|--|
| | <p>educativo da escola. Tentamos, também ... É mais nesses momentos, nas reuniões que a entreatajuda é feita, quer dizer, os grupos, também é verdade, formalmente é ali, mas depois informalmente há muita coisa que nós partilhamos, não é uma coisa rígida, formal. Não tem que ser só. Portanto, ali talvez se veja mais, fica escrito, fica em acta, mas depois ... Às vezes há grupos que, ainda agora, há pouco tempo, o grupo de educação física precisou de resolver lá umas situações específicas do grupo e reuniram informalmente. Quando às vezes há qualquer coisa que aparece, situações que temos que resolver, pois também conversamos uns com os outros e chegamos a....</p> |
|--|--|

| | |
|-------|---|
| Dpts. | Questão 2.3. Em que situações é executado o trabalho colaborativo no seu departamento |
| A | Nos intervalos, os furos, e...., é tudo fora, pronto, fora do horário escolar, do nosso horário, como docente. Nem tão pouco me refiro aos TEs (Tempos de escola), porque os TEs são para outras actividades, não é? - Substituições, outros projectos, portanto, não, nem tão pouco para o trabalho colaborativo, e eu penso que as escolas, de um modo geral são todas escolas, não estou a criticar a nossa escola em particular, deviam apostar nalgum TE como tempo de trabalho de equipa e de preparação... dessas mesmas equipas, no fundo |
| B | Normalmente nós fazemos sempre no início de cada período, nessa reunião fazemos o balanço sobre a articulação curricular, vertical e horizontal. Nessa reunião é feito novamente o incentivo ao trabalho colaborativo, para não se repetirem conteúdos e ver em que perspectiva, por exemplo as Ciências Físico-Químicas. Podem abordar um determinado aspecto. |
| C | Ahh, em reuniões mensais, sendo que os grupos reúnam ahh previamente, portanto é feito um estudo e um trabalho prévio, e só depois é que chega à sede de departamento. Em sede de departamento ele é discutido, é analisado e é viabilizado. E depois põe-se em condições de ser executado, de ser operacionalizado. |
| D | Em termos de planificações de actividades, em termos de concretização de actividades, basicamente mais nessas duas vertentes, e também, e também na produção de materiais de apoio, fichas de avaliação, outros recursos que são utilizados em termos de actividades lectivas. Pronto, e se calhar mais algumas coisas que agora não me estão a ocorrer. Agora que me lembre é nessas situações, é mais visível. |
| E | Pois, é assim - é uma vez por mês através ...temos também os TEs que é as horas do tempo de estabelecimento, em que também usamos para articular, mais a nível dos Jardins-de-Infância com o 1º ciclo daquela localidade que |

| | |
|---|---|
| | também articulam ou o Jardim de Infância da mesma freguesia. Por exemplo, a freguesia do Carriço tem quatro salas de Jardim de Infância e também é nesses tempos de estabelecimento que se articula o trabalho, é assim. E depois do departamento todo são quatro freguesias, e são distantes uns dos outros. Justifica-se a reunião mensal, e às vezes até há extraordinárias, porque quando é Carnaval, quando é festas assim, temas fortes, do ano. Reunimos extraordinariamente. |
| F | Tem a ver com toda a dinâmica da escola, não é? Em termos, por exemplo, das planificações, os critérios, por exemplo, de avaliação, estou outra vez a focar as actividades curriculares, anda um pouco por aí. Não, não... se calhar, sei lá, podíamos às vezes falar talvez mais, das nossas práticas ... que muitas vezes o tempo também não é muito, e depois, às vezes falta ainda aferir como é que um faz, como é que outro faz, isto a nível de grupo, uniformizar mais, se calhar, os critérios, penso que, às vezes há falhas aí. Confesso que eu penso que há. Há muito trabalho ainda a fazer. Só que as pessoas, lá está, têm uma cultura individualista. As pessoas fecham-se um bocado, e às vezes, algumas é mais fácil, outras nem por isso. Não fazem por mal. Eu acho que é por receio de mostrar alguma coisa que possam fazer menos bem. Ainda não há aquela abertura suficiente para a pessoa pensar assim: olha eu agora estou a fazer isto, mas se calhar aprendo com o meu colega, então vamos tentar ver como é que ele faz, para eu também, pronto, comparar ... e ... reflexão ..., eu penso que devia haver mais. |

| | |
|------|--|
| Dpts | Questão 2.4. Quais os benefícios obtidos, pelo departamento, do trabalho colaborativo? |
| A | Os benefícios? Eu penso que é uma aferição, é mais fácil de verificar e de avaliar os nossos alunos, portanto, pois, se o trabalho é feito em conjunto com os mesmos parâmetros, as mesmas exigências, também é evidente que as turmas são diferentes, há sempre alunos especiais, turmas especiais, mas... ah... é mais fácil preparar os alunos para uma avaliação externa porque estamos, sabemos o que é que eles são capazes, pelo menos, assim penso, que é mais Há uma uniformidade de critérios quer da avaliação, quer na leccionação dos conteúdos, isso é muito vantajoso. Só assim podemos avaliar, ah e sermos mais justos, também, na forma como avaliamos ... o cumprimentos dos programas, dos mesmos temas, portanto no fundo é uma uniformidade de ... todos os parâmetros, não sei como me hei-de expressar neste momento, mas estás a perceber a minha ideia, não é? |
| B | Isso... a partilha de experiências é enriquecedora e os materiais que se partilham, há sempre a possibilidade de serem melhorados, os alunos são os mais beneficiados com isso porque os materiais partilhados resultam em materiais mais ricos |

| | |
|---|--|
| C | <p>Olha, muitos, muitos. É assim, as nossas experiências, as boas e as menos boas, e aquelas razoáveis, portanto, atravessam-nos a todos, então quando nós verificamos que um trabalho que foi experimentado e que tivemos sucesso, ele é logo comunicado entre todos. Olha, fizemos isto ahh ... e deu resultado, portanto imediatamente partimos para a implementação a todos os níveis. Dou só um exemplo: as ... fichas de avaliação, portanto todas as provas de avaliação que nós fazemos trimestralmente são elaboradas por esses grupos, mas são elaboradas por esses grupos para todos e todos implementam e ... foi engraçado que o ano passado fizemos depois a reflexão final, no final da execução, porque o agrupamento é muito vasto em termos de área geográfica, e os nossos alunos do sul já não têm o mesmo comportamento que os do norte e chegámos a uma conclusão que, ahh... se, por exemplo, as fichas a norte eram consideradas, havia ali um núcleo ahh...com alguns problemas, as fichas, os alunos que tiveram mais dificuldade, ao contrário no sul foram tidas como normais, não é? O que é que nós fizemos? Depois desse levantamento e desse estudo feito? Afinámos. Tentámos homogeneizar os critérios de avaliação e partimos depois para a feitura de ... umas fichas que respondessem às necessidades de todos e que não nos trouxessem essas discrepâncias, não é? De resultados muito bons no sul (freguesia da Ilha) e resultados menos... do norte (Carriço). Pese embora agora seja diferentes porque temos o Centro dos Vieirinhos, não é... e agora há quatro escolas que estão aglutinadas e essas, como só começou agora este ano lectivo, ainda não temos o <i>feedback</i> dessas experiências, estou a falar daquilo, enquanto escolas individuais, agora será feita essa avaliação no final do ano.</p> |
| D | <p>É uma partilha de experiências, é uma mais-valia, e não há tanto a dispersão quando estou a falar nas actividades extra curriculares. As pessoas não estão dispersas e cada uma está a desenvolver a sua - há uma congregação de esforços, e acho que é muito positivo. A nível curricular, acho que é muito importante porque se estão a administrar um determinado nível de ensino, não é, não há propriamente disparidade de critérios, há uma uniformidade maior, não só na aplicação dos mesmos materiais, até... em termos de correcção de testes usam os mesmos critérios, as questões, portanto eu acho que é bastante vantajoso esse trabalho em equipa.</p> |
| E | <p>É assim, nós temos um fio condutor para todas. Todas trabalham aquele tema todos os anos. Nós fizemos um projecto o ano passado para quatro anos e então todos os jardins obedecem àquele projecto. Nós temos um tema, em linhas gerais, é uma filosofia do trabalho que é baseado “Esta Escola também é minha”, o projecto do agrupamento e depois, a maneira como depois se aplica, as técnicas que se usam, fica ao critério de cada educador, são autónomos naquilo... e ... a adaptação daquele tema àquele grupo de crianças também fica ao critério do educador. Porque ele é que conhece o seu grupo. Nós aqui nas quatro freguesias da Ilha, Mata Mourisca, Carriço e Guia, não é, ... as características da população é quase a mesma, não há ... muitas oscilações, portanto os objectivos quase são os mesmos para todos os Jardins de Infância, no entanto ...um grupo de três anos não vai adquirir a mesma coisa que um grupo de cinco. E nós temos que fazer essas diferenças. É assim, cada colega tem três, quatro e cinco anos. Só nos Jardins em que há duas salas é que estão divididos por idades, é. E depois eles trabalham por áreas.</p> |

| | |
|---|---|
| F | <p>Ah, eu penso que muitos. Então, uma pessoa, lá está, a pessoa se não fizer um trabalho, senão... Como é que eu hei-de explicar, se as pessoas se fecharem, eu penso que isso não é bom para o ensino e para as escolas. As pessoas têm que tentar trabalhar o mais possível em equipa, apesar de ser difícil, lá está. Mas é nessa linha que eu penso que as coisas deveriam...</p> <p>Os benefícios... eu acho que as práticas, se calhar, melhorariam, as nossas práticas pedagógicas, acho que a escola melhorava muito. Todos nós... Nós não sabemos tudo. Por mais cursos que a pessoa tire, apesar de isso ser uma mais-valia grande, mas temos sempre necessidade de confrontar aquilo que fazemos com os nossos pares, não é? Portanto, se não o fizermos, é evidente que isso não vai dar certo. Penso que temos que interagir uns com os outros.</p> |
|---|---|

| | |
|-------|---|
| Dpts. | <p>Questão 2.5. Em que momentos do ano é feito o trabalho colaborativo?</p> |
| A | <p>Isso é ao longo do ano, é sempre, não é, é sempre. Desde a preparação do ano lectivo em que, quando uma pessoa propõe uma matriz conjunta, nós sabemos que os testes e as fichas de avaliação serão aqueles parâmetros, aqueles domínios a ser avaliados, a cotação que é dada e depois... é um trabalho contínuo e continua ao longo do ano. Não é só matrizes - nós fazemos os mesmos testes - estou-me a referir a..., portanto ... a implementar o mesmo tipo de avaliação, a mesma ficha de avaliação nos mesmos níveis de escolaridade, é isso que eu quero dizer, quando fazemos o trabalho colaborativo, estamos a utilizar os mesmos materiais. É isso que eu entendo por trabalho colaborativo. Quando se está a fazer um trabalho extra-escolar ou extracurricular, também há trabalho colaborativo nesse âmbito. As vistas de estudo não são extracurriculares, são curriculares, mas, sei lá, uma actividade tipo, o pequeno-almoço inglês ou o almoço francês, há trabalho colaborativo também. Temos que nos juntar e sentar e ver o que é que vamos fazer, toda uma preparação e depois há uma avaliação que é feita também. Portanto não é só uma pessoa a pensar, vamos fazer isto. Não!</p> |
| B | <p>Informalmente, eu acho, durante o ano inteiro. Não te vou dizer que esse trabalho colaborativo é sempre fácil, não é. Eu consumi horas e horas e horas de trabalho em que trabalhei em casa de uma colega. Construíamos de base, não era só partilhar, é reflectir e construir, enquanto que este ano há mais troca, não é tanto reflexão, porque esse trabalho colaborativo exige muito <u>de todos</u> e nem todos os grupos estão disponíveis para isso.</p> |
| C | <p>Permanentemente. Nós, já há dois anos a esta parte, portanto, a página da <i>Web</i> nunca esteve muito, muito bem activada no agrupamento, então o que é que fizemos? Acordámos todos, partilhamos tudo através de <i>mail</i>. Nós... Eu faço uma ficha, por exemplo e, uma ficha engraçada e digo olha, tive resultados com esta ficha engraçada na abordagem duma temática qualquer, ahhh ... e eu partilho-a. Partilho com os meus colegas e mando para o <i>mail</i> de todos.</p> |

| | |
|---|---|
| | Portanto nós fazemos isto tudo assim. Sei lá, no final do ano temos uma <u>montanha</u> de trabalhos que nós partilhamos. |
| D | Eu acho que é ao longo do ano nas planificações é mais no início, não é, depois na produção dos materiais é ao longo do ano e na preparação das actividades, depende. Podemos dizer que é um bocado ao longo do ano, basicamente. |
| E | É sempre, é contínuo. Eu, por exemplo, o trabalho da coordenação é muito andar pelas escolas. Eu é que sou o elo de ligação entre todos e é sempre, é sempre ao longo do ano. Não temos momentos. Se é preciso partilhar alguma coisa, combinar, juntam-se, manda-se por e-mail porque agora o e-mail também facilita muito. Até os trabalhos mandamos por e-mail, trocamos ideias e, assim, é. |
| F | Há momentos privilegiados para isso que é, por exemplo, no início do ano. No início do ano é um momento crucial porque se explana, enfim, tem ali as linhas que nos conduzem ao nosso trabalho, não é, à concretização, à operacionalização do nosso trabalho, mas é mais aí. Depois é ... pronto há aqueles momentos de reflexão, se aquilo que estava planificado foi feito, ou se foi feito bem, ou se podia ... Isso é feito nas reuniões. Eu tenho no regimento duas reuniões por período, mas faço mais. Sinto necessidade de fazer mais para ver se realmente as coisas foram feitas conforme estavam planificadas, se não foram, porque é que não foram, se houve alguma coisa que correu bem ou até podia correr melhor e nós aí também falamos: olha se calhar para o ano vamos, em vez de termos feito como está aqui, vamos fazer de outra maneira. É na base, sempre, da experiência que a pessoa acaba por melhorar, é um bocado assim. |

| | |
|-------|---|
| Dpts. | Questão 2.6 Quais os processos de colaboração e de reflexão utilizados pelos departamentos curriculares na concepção e implementação do Projecto Educativo de Escola? |
| A | Todo o nosso trabalho visa sempre o sucesso escolar e educativo dos alunos e muitas vezes o sucesso também extravasa a sala de aula, não é? Motivar os alunos com outras actividades, actividades mais lúdicas, ahh... Também faz parte do sucesso educativo, porque a escola não é só o saber livresco, há a escola paralela, também interessa e às vezes nós podemos até colaborar, um pouco, nessa escola paralela... Quer dizer, eles têm que saber mais que os conteúdos de inglês, francês, português, têm que saber que lá fora as coisas são diferentes e eles estão demasiado tempo na escola. Se nós não os prepararmos para a vida activa e para enfrentar o mundo do exterior, não vão ser cidadãos |

| | |
|---|---|
| | responsáveis e actuantes, participantes na futura sociedade. |
| B | Aquilo que já foi feito foi reunirmos em departamento, reflectirmos sobre alguns pontos para a elaboração do Projecto Educativo – aqui foi essencialmente as metas e depois apresentámos algumas propostas. Houve um diagnóstico de algumas situações que estavam menos boas. Para o novo Projecto, de acordo com a IGE, apresentou-se um novo projecto baseado na melhoria dos pontos identificados como fracos. Era o insucesso. Já não me recordo. |
| C | Ora bem, a nível, portanto, a nível da implementação do Projecto, passa, claro, rigorosamente pela execução das actividades, do plano anual de actividades. Esse plano... Portanto as nossas actividades são sempre comuns a todas as escolas. Aliás temos um mapa bastante preenchido e os colegas até reclamam de falta de tempo e, quando nos aparecem projectos interessantes, nós implementamos em toda a dimensão do primeiro ciclo, sempre! Ahh, neste momento temos dois projectos, dois grandes projectos que é o Projecto +, que é combater a obesidade no primeiro ciclo, tivemos outro projecto, mas esse foi sectorial ahmmm que é ... o <i>Bullying</i> relativamente à implementação, o estudo do <i>Bullying</i> do nosso agrupamento, portanto, e no primeiro ciclo porque... as pessoas sabem muito pouco disso e o que é facto é que acontece já no 1º ciclo e então ... nós temos Ahh, e com alguma sucesso, porque as pessoas ficaram alertadas para situações que nos passavam ao lado e afinal.... Se calhar os nossos comportamentos vão mudar mas ainda..., isto não fugindo à operacionalização do projecto educativo. Portanto nós temos actividades marcantes no primeiro ciclo de prossecução do projecto educativo que é: o Natal, o Carnaval e depois os dias festivos, ahh...., por exemplo, o dia da alimentação onde as actividades são sempre comuns e, quando possível, nós juntamos <u>muitos</u> alunos, não é, para haver ahh... ligação dessas actividades. Depois fazemos, claro, faz-se a planificação, depois em sede, sempre em conselho de docentes, fazemos a avaliação das actividades, do sucesso se os objectivos foram atingidos, se não foram, o que é que correu bem, o que é que correu menos bem, o que é que temos que melhorar par o ano, etc, etc e, portanto, é sempre com esse intuito. |
| D | Nós temos, portanto, <u>formalmente</u> nos momentos em que ocorrem reuniões de departamento, quando é possível, quando isso está na agenda até, na ordem de trabalhos, fazer uma reflexão sobre o projecto educativo, quando se planificam as actividades os colegas são sensibilizados para as metas. Previamente nós facultamos o projecto, normalmente é em suporte digital, não é? Depois há sempre, pronto, em termos de departamento, um alerta para, para, para todas as actividades serem direccionadas para as metas do projecto educativo e depois penso que realmente ao longo do ano as pessoas vão tendo isso em conta, não |

| | |
|---|---|
| | <p>sei, mas <u>formalmente</u> digamos que é mais nas reuniões de departamento onde isso é feito.</p> |
| E | <p>Isso é nas reuniões de departamento, é nas avaliações que fazem no final de cada período e na avaliação das actividades, porque nós temos o plano anual de actividades e depois também fazemos a avaliação de como a actividade decorreu, os constrangimentos e os benefícios que trouxe, e daí fazemos a avaliação. Geralmente é assim. É feita individualmente por cada colega, como é correu na sua sala essa actividade e depois é partilhado por todas na reunião de departamento. Nós temos um mapa em que fazemos a avaliação mensal em que está ali a opinião de toda a gente. Geralmente é mandada por e-mail para todas lerem, e depois quando chegamos à reunião de departamento, é mais fácil, porque já toda a gente teve conhecimento... costumamos fazer assim, e acho que é bom porque estamos a ... as nossas reuniões não são tão cansativas, não demoram tanto tempo e temos muito mais conhecimento do que se está a passar, e a partilha é muito maior e todas vamos ajustando ao que dá mais resultado</p> |
| F | <p>O projecto educativo é de todos, é da escola. Todos têm um contributo. A concepção? Olha agora ...portanto... é evidente que nós, nós acabamos por estar todos implicados nisso. É um processo que é de todos. Como é que o departamento faz? Qual é o contributo? Eu penso que passa por tudo isto que eu acabei de dizer, que tem a ver com o que nós planificamos, sei lá, por exemplo, as actividades extra-curriculares. Se não estão na linha, se não vão ao encontro das metas do projecto educativo, acho que não vale a pena fazê-las. Temos esse cuidado de ver isso, e... e depois ... já a nível, também não te sei responder agora... quanto à implementação, acho que nós tentamos sempre implementar o que está, apesar de eu achar não... ser uma perfeição, se calhar não conseguimos, como é que eu hei-de dizer, se calhar...pronto cada departamento dá o seu contributo, não é, para o projecto...se calhar haverá alturas em que nós temos consciência de que poderíamos ter feito mais, não é? Nunca ninguém está satisfeito cem por cento. Eu acho que o projecto educativo também é mais falado onde? É nas reuniões de conselho pedagógico. Depois aí a implementação, portanto fala-se, se o trabalho que os departamentos fazem, se estão na linha desse projecto educativo... Porque nós temos essa, portanto, eu penso que as pessoas conhecem, sabem o que é o projecto educativo, mas se calhar ainda não é uma coisa que neste momento, que esteja sempre em cima da mesa. Aí também é uma falta, não, não ... Como é que eu hei-de dizer... Nós fazemos as coisas, pronto... mas ainda não é uma coisa, pronto ... o projecto educativo devia ser um documento mais presente em tudo o que nós fazemos na escola. Não é posto à parte, nós acabamos, é por fazê-lo intuitivamente, ou seja, não é um documento que a pessoa tenha ali muito presente, em todos os passos que damos aqui na escola,</p> |

| | |
|--|--|
| | na nossa dinâmica, mas penso que ... porque isso também é assim. Eu andei muitos anos noutras escolas e o projecto educativo, nem sequer... nem o conhecia. Nunca me davam a conhecer o projecto educativo, porque nem nas reuniões mo era facilitado, nem se falava. Agora, há uns anos para cá é que realmente se fala mais. |
|--|--|

| | |
|-------|--|
| Dpts. | Questão 2.7. Em que medida é que a avaliação docente veio limitar ou promover o trabalho entre pares no departamento? |
| A | Longa pausa... pois, efectivamente é capaz de ter essas duas ahhh... essas duas vertentes. Se por um lado promove porque... trabalha-se em conjunto e cada vez mais, é essa a tónica, não é, que apela ao trabalho em conjunto ou colaborativo, não é? (...) Por outro lado a ADD pode limitar um pouco esse trabalho, tendo em conta que, se eu vou ser avaliada, então quero fazer <u>algo</u> de diferente, especial e não vou mostrar, não é, ao meu par aquilo que estou a fazer, portanto vai limitar. Eu já, já reflecti sobre isso, efectivamente, ahhh, não tenho a solução para isso, mas acho que isso é possível. Eu acho que as duas coisas estão correctas. As duas coisas estão correctas. Por um lado promove porque temos que mostrar que eu trabalhei de comum acordo aquilo que foi decidido em departamento em grupo ou entre pares, mas por outro lado “guardamos algo na manga” para mostrar que vamos fazer uma coisa diferente e não vamos mostrar à colega o que estamos a fazer porque vai ser avaliado. Eu penso que isso também é verdade. Não tenho dúvidas nisso! |
| B | Não noto diferença nenhuma. Não vejo que o ADD tenha influenciado o trabalho colaborativo. Desde que me lembre a troca de materiais sempre aconteceu. |
| C | Sim, alguns constrangimentos, porque, sei lá ... promover não houve promoção nenhuma. Não! Eu penso que não, porque a avaliação inter-pares não é fácil, tem que ser absorvida. Primeiro temos que construir a nossa mentalidade para a aceitar e depois a seguir é a estrutura que está mal organizada, não é ... mas também nunca ...foi levada com grande rigor..., porque nós temos consciência de que somos profissionais. Eu não acredito que haja professores maus. Pode haver posturas diferentes, maneiras diferentes de abordar questões e de trabalho porque não há nenhum padrão ahh ... nessa perspectiva porque também há um factor muito importante ,que é a nossa experiência. Nós, no agrupamento, temos... já não temos contratados no primeiro ciclo há dois anos a esta parte e portanto temos pessoas com uma média de anos de serviço bastante elevada, e portanto temos já coisas cimentadas... claro respeitamo-nos todos, mas a avaliação não nos amedrontou. Até porque só um número muito reduzido de pessoas é que pediu aulas assistidas porque realmente - o resto trabalha normalmente não anda à procura de nenhuma medalha. |

| | |
|---|--|
| D | <p>É assim, ahh ... Penso que haverá algumas limitações, porque o tipo de avaliação que está no terreno, que agora está suspenso, mas que tem estado a vigorar incute alguma competitividade entre os colegas que estão a ser avaliados porque, se virmos bem, as quotas são as mesmas, portanto contraria aquilo que se desejava que existisse numa escola e nos departamentos, que era a partilha desinteressada. Se calhar este tipo de avaliação vem travar um bocado esse espírito porque incentiva à competição, das pessoas. Não sei se estou a ver bem. Não veio promover. O que nós queríamos é que houvesse essa partilha, mas eu acho que o espírito da avaliação vem contrariar a partilha porque as pessoas tendem a pensar, se calhar abrindo-se muito ou mostrando os seus materiais poderão estar a dar, não é, também margem aos colegas, não sei se estou a fazer passar a ideia, mas acho que a competitividade não é salutar, portanto limita, limita sem dúvida.</p> |
| E | <p>Veio limitar muito, porque ...ahhh... o facto de ter que, para mim, ter que avaliar colegas que eu conheço e sei muito bem como é que trabalham ... Eu acho que as quotas é que me limitam, as quotas...., porque eu acho que elas as duas trabalham muito bem, cada uma ao seu jeito e eu não tenho capacidade para dizer que esta é melhor do que aquela, porque..., não tenho, o facto de ela não fazer como aquela não quer dizer que não esteja a fazer bem. Quem sou eu que sou uma colega que até faria de forma diferente e também não considero que esteja errada, não é - quem sou para dizer que aquela merece o muito bom e a outra não merece. Eu acho que isto é que limita e começa já a haver uma certa... eu acho que no nosso departamento não se notou muito porque não há muitas colegas a querer passar para ... no sétimo, daquelas que estão a querer o muito bom. A maior parte das colegas não pediu aulas assistidas. É assim, nós somos um departamento que anda tudo na casa dos cinquenta. Só temos duas colegas com quarenta e pouco. Aqui, no agrupamento o corpo docente já é fixo, há muitos anos. Somos todas efectivas, praticamente. Só temos umas colegas que não são da zona e são essas é que estão ... de resto já todas estão em escalões Não sei se há quotas para todas. Ainda não vieram publicadas, não é, e depois vão entrar na bolsa. Elas entram na bolsa e concorrem com outro professor de qualquer outro nível de ensino. Não quer dizer que o pré-escolar tenha direito a x , está a ver, pronto.. Depois também sentimos uma coisa, geralmente o pré-escolar é normalmente o parente mais pobre dos agrupamentos. Para já estão distantes da sede, depois não é muito valorizado o trabalho que se faz nos Jardins de Infância, porque não é um ensino obrigatório. Aprender ... se aprender, tudo bem, mas se não aprender também não há mal. As pessoas vêem isso assim. Um educador de infância já não vê isso assim, já leva isso a sério, como qualquer outro nível de ensino e prepara trabalhos e temos avaliação das crianças e vai a pedagógico e tudo, pronto, como qualquer outro nível de ensino. Mas geralmente somos vistos como o parente mais pobre. Eu, neste agrupamento, não sinto muito isso mas tenho estado com outros colegas de outros agrupamentos que sentem</p> |

| | |
|---|---|
| | <p>que são o parente mais pobre, e portanto há professores de outros níveis de ensino que ainda vêem a educação de infância como, ah, não é obrigatório e o facto de entrar tudo na mesma bolsa, não sei se não teria alguma complicação à instituição, vai entrar nas quotas. É muito difícil. Eu que estou na CCAD, acho que a avaliação não tem ponta por onde se lhe pegue até porque há características dos professores... que é impossível nós avaliarmos. O compromisso das pessoas com isto ou aquilo, eu acho que é impossível qualquer outro avaliar. Cada um é que sabe o compromisso que tem e a forma como se empenha e o objectivo que tem de vida ... Nós só podemos avaliar aquilo que é visto, que é observável, não é? Em 45 minutos duas vezes no ano? Eu, no entanto sinto-me mais à vontade para avaliar as colegas porque tenho uma proximidade maior, mas acho que também é injusto, porque eu estou numa posição que posso fazer isto, mas outros professores não podem e são avaliadores. Portanto nós estamos todos em pé de igualdade e acho que é isso que está mal na avaliação.</p> |
| F | <p>Olha, limita porque se calhar ... é burocrático, pelo menos estes modelos, é demasiado burocrático e devia ser mais simples, devia ser mais simplificado. Penso que há muito tempo que nós gastamos nisso, e não sei se seria preciso tanta coisa, pelo menos ao nível dos papéis, pronto. Depois, se realmente faz sentido e se ajuda?... Depende da maneira como as pessoas se posicionem. Se for uma pessoa que esteja ali só naquela de ver o que o outro está a fazer... mal e, e..., como é que eu hei-de explicar? Que esteja numa posição de achar que eu agora é que vou avaliar e eu faço o que eu entendo e não tenho que dialogar com as outras pessoas, porque eu é que sei – errado! Penso que só têm a ganhar as pessoas entrarem em diálogo, por eu estar, por exemplo ser avaliadora e a outra pessoa ser relatora, neste caso, e a outra pessoa ser o avaliado, não tenho que estar numa posição de achar que sei mais, percebes? Se calhar, aí eu penso que é uma questão mais formativa, ou seja ... isto é complicado, apesar de eu estar numa posição de avaliar, não é, e se calhar passa muito... pela partilha de coisas que fazemos, não tenho que estar..., pronto, eu não me estou a explicar bem... a pessoa não tem que pensar, lá porque sou relatora eu agora estou aqui e até sei mais que vocês todas, não é nada disso. Errado! Penso que as coisas têm que ser... A avaliação veio limitar o trabalho entre pares porque esse tempo podia ser, portanto, aproveitado para outras coisas e para a nossa dinâmica ...curricular, das aulas e disso tudo. Só que, ao mesmo tempo, também percebo, que talvez a a avaliação até nem seja uma coisa má. Depende, é da maneira como as pessoas se posicionam em relação a ela, estás a perceber. Se isto continuar, em Maio vou andar aí a assistir a não sei quantas aulas e os outros relatores também – É evidente se a pessoa, se está ... Eu acho que veio limitar o trabalho entre todos, se calhar por falta de tempo, porque nós já passamos imenso tempo na escola, não é , então se temos mais essa parte que temos que cumprir, alguma coisa vai ficar em desvantagem. Se calhar é, lá está, acaba por, não sei. Veio</p> |

| | |
|--|---|
| | <p>promover no aspecto formativo da pessoa, imagina tu, haver troca entre pares. Eu ir às aulas de uma colega e ela à minha, eu acho que isso ...aprendíamos uns com os outros. Não tem que ser forçosamente um relator, estás a perceber... ser uma coisa diferente entre pares e ... as pessoas estarem numa vertente mais formativa, sem ter aquela rigidez, eu ser relatora, tu seres avaliado. Mas isso ... também é complicado. Muitas vezes as pessoas não estão, portanto, receptivas a... Portanto, imagina eu agora tenho, não sei quantas aulas para assistir. Se calhar ao fim do dia estou cansada, já não dá para ficar aqui até a discutir coisas que eu fiz nas aulas, pronto como somos pares, como trabalhamos em pares em EVT, uma pessoa até podia ficar um bocadinho mais para aferir determinadas coisas com os colegas. Se calhar aí, eu já não tenho, se calhar não estou tão receptiva a ficar, porque estou cansada, por ter andado aí, pronto, é só nesse aspecto que eu referi, muitas vezes isso pode acontecer.</p> |
|--|---|

| | |
|-------|--|
| Dpts. | <p>Questão 2.8. No caso de haver trabalho colaborativo quais são os objectivos?</p> |
| A | <p>Pausa... Então, trabalha-se em colaboração para, para estarmos ... como é que eu hei-de dizer, para já ... mais ... se calhar mais à vontade, porque não nos sentimos isoladas, não é? Sentimos que estamos a fazer igual à colega, portanto sentimo-nos bem connosco próprios, primeiro, não é, portanto a pessoa sentir-se bem consigo própria é importante, para se sentir também bem com os outros e , pronto para não estar isolada e saber que aquilo que estamos a fazer alguém, não é, deu o seu aval para com aquilo que se está a fazer e portanto é sempre bom, até porque é muito fácil nós sozinhos, há um pequeno erro num teste, às vezes falta um é , da outra vez falta um hífen, coisinhas desse tipo que se encontram, não é, se houver uma pessoa de fora a ver esses pequenos lapsos hmmm, encontra sempre, engraçado, porque nós quando estamos a ver o nosso trabalho não há distanciamento suficiente para vermos um pequeno erro ou um pequeno lapso que o outro colega poderá vir a apreciar. Portanto num trabalho colaborativo as coisas saem sempre muito mais perfeitas e o objectivo é realmente uma melhor preparação das aulas. Os materiais acabam por ser mais, quanto a mim, melhor preparados, não porque a pessoa sabe que a outra colega vai também avaliar nós avaliamo-nos uns aos outros mutuamente, sempre, isso é inevitável, não é, e pronto também sai um trabalho bem feito para os alunos</p> |
| B | <p>Eu acho que, sobretudo, a reflexão sobre os materiais pedagógicos apresentados aos alunos, uma vez que esse trabalho colaborativo é mais evidente entre docentes que leccionam a mesma disciplina e o mesmo ano e depois serve também no fundo para aferir resultados.</p> |

| | |
|---|--|
| C | <p>Os objectivos é sempre o sucesso dos nossos alunos, isso é inquestionável, não é? Passa sempre pelo estudo prévio ou para, como eu disse há pouco... da nossa partilha. Nós tomamos sempre em linha de conta as boas práticas e essas boas práticas, tentamos depois implementá-las em todas as escolas, não é? Daí nós reunirmos mensalmente e olhe eu fiz esta ficha, eu fiz este trabalho, deu resultado, colocamos no grupo todo, portanto as situações mais delicadas que nos se deparam e portanto, e depois tentamos todos dando a sua colaboração, arranjar maneira de as ultrapassar.</p> |
| D | <p>Os objectivos, é realmente o maior sucesso, não é, das aprendizagens, para que os alunos tenham de facto uma maior aprendizagem, mais significativa. Penso que em última análise é melhorar realmente o aproveitamento E é as pessoas enriquecerem-se enquanto profissionais porque há uma partilha de experiências, não é?</p> |
| E | <p>Os nossos objectivos principais é que as crianças cheguem ao 1º ciclo com determinadas competências adquiridas e que cheguem <u>todas</u> com as mesmas competências, porque - nós não temos um programa publicado pelo Ministério. Nós temos orientações curriculares que dizem que devemos desenvolver a parte motora, a parte cognitiva, a parte afectiva, pronto. Devemos desenvolver na criança estes aspectos, mas não temos um programa, nós é que o fazemos. Por isso é que nós estabelecemos metas e dizemos no início do ano, portanto o ano passado fizemos, para quatro anos, um projecto e os critérios de avaliação, e quais as competências que vamos desenvolver, depois de sabermos, com a articulação do 1º ciclo, quais são as dificuldades com que eles chegam ao 1º ano do 1º ciclo, é a partir daí começámos a definir as competências que eles vão desenvolver. Se uma criança não é capaz de estar sentada vinte minutos , nós tivemos de criar esta competência de que uma criança tem de estar sentada mais de vinte minutos para que quando chegar ao 1º ciclo, vai ter que estar sentada duas horas. Sabe que o trabalho no pré-escolar é muito livre, eles têm muitos cantinhos. Eles têm o cantinho do médico, da casinha das bonecas, porque eles vivem muito desse jogo simbólico, não é... e temos a garagem, pronto e depois temos realmente as mesas de trabalho, como nós chamamos, e aquilo é tudo alternado. Eles estão vinte minutos mais ou menos, não quer dizer que estejam, para fazer um trabalho sentado... e depois vão brincar, vão jogar com um puzzle ... eles são muitos, são vinte e cinco, quase sempre, ou vinte e depois são de três anos, de quatro anos e de cinco anos - não têm as mesmas competências desenvolvidas da mesma maneira e não têm os mesmos interesses, pronto. E nós temos as salas divididas, orientadas assim, porque enquanto os três anos podem brincar na garagem, na casinha das bonecas e no médico e no disfarce, os quatro anos podem estar a fazer puzzles, jogos de encaixe, de orientação e os de cinco anos podem estar a fazer alguma coisa que os prepare para a escola, grafismo,</p> |

| | |
|---|--|
| | <p>pronto, e depois rodam. Todos eles fazem grafismo... agora, um grafismo para três anos, não é o mesmo grafismo para cinco. E nós fazemos isso, articulamos ... Isso tudo é feito no início do ano em que nós estabelecemos o que é que vamos desenvolver aos quatro, aos cinco e aos três, para que haja uma uniformidade nos critérios. Isto nasceu porque somos agrupamento. Dantes cada uma trabalhava por si. Como somos agrupamento, decidimos que é ... São oito Jardins de Infância diferentes, são doze educadoras que estão no activo na componente lectiva, sempre, e tem que haver uma orientação, senão cada uma fazia ao seu jeito, não é.</p> |
| F | <p>Os objectivos são sempre no sentido de melhorar. Os objectivos, acho que são amplos. Têm a ver com... com aquilo que a escola pretende. Eu não percebi muito bem a pergunta. Acho que há sempre um proveito disso. Acho que é assim, se nós discutirmos, portanto, as coisas, não é, aquilo que se passa nas aulas, se estamos a analisar, por exemplo, as nossas práticas, muitas vezes isso acontece, porque... Nós trabalhamos, o EVT trabalha com pares, muitas vezes nós fazemos isso. Acho que só estamos a beneficiar o ensino aprendizagem e a escola.</p> |
| <p>Objectivo: Perceber as dificuldades / constrangimentos do exercício da colegialidade docente.</p> | |
| Dpts. | <p>Questão 3.1. Quais são as dificuldades / constrangimentos que sente no desempenho de Coordenador(a)?</p> |
| A | <p>Os constrangimentos ahhh. Eu não sinto grandes constrangimentos, não é, mas acho que, acho que me sinto à vontade no papel porque também já estive, como tu sabes, não é, num papel de chefia, portanto não me é tão difícil assim ahm, se bem que há sempre constrangimentos, porque realmente Não é fácil mediar diferentes vontades... acho que nessa parte, uns querem de uma maneira, uns pensam assim, outros pensam assado, hmm, por exemplo, já tive ... quando houve pessoas que faltaram à reunião não concordam com o peso dos cinquenta por cento, por exemplo, depois disseram-me isso à posteriori, disseram: “ai, eu não concordei mas não disse nada na reunião para não ser desmancha prazeres.” Então é assim... isso não pode ser, quer dizer, as pessoas não dizem o que devem dizer em sede própria e depois vêm dizer que afinal também não concordavam. E as pessoas ausentes também não podem dizer nada porque estão ausentes, não estiveram lá para participar na tal decisão, ou na tal votação, foi por consenso, portanto, às vezes deixa-me triste assim estas pequenas ..., mas não é nada que não se ultrapasse, não é? Mas como é que eu hei-de dizer? Pronto, é preciso, acho que ter ... se calhar a experiência, ou então, a maneira de ser é capaz de ser importante porque temos que ouvir as diferenças e aceitar as diferenças.</p> |

| | |
|---|---|
| B | Falta de tempo para as tarefas burocráticas, gestão de alguns conflitos porque é um departamento grande (são mais de 30 pessoas), a conciliação de tempos para as reuniões. |
| C | É assim, é evidente que não é fácil, porque as pessoas ...um dos constrangimentos é realmente a falta de tempo. Portanto as pessoas hoje... são cinco horas lectivas mas o trabalho individual de cada um, ahh... as pessoas que têm turmas grandes e com turmas onde há casos mais delicados e que exige mais atenção, mais ahh ... quando há uma sobreposição de trabalho, o espaço para reunir e para reflectir não é tanto e portanto ... as pessoas revoltam-se. Eu aqui ponho o revoltar entre aspas porque realmente o tempo não dá e andamos, às vezes, porque somos obrigados a reunir..... fica subentendido sempre aquela carga obrigatória e as pessoas revoltam-se por isso, não é. É muito mais interessante quando sentimos a necessidade, olha que nós temos de ver isto porque isto é interessante e então as pessoas aí aderem. Faz parte do regulamento interno, estamos a tentar, este mês até suprimimos porque realmente não fazia sentido, por causa do período que vai acabar no dia oito. Eu não tenho turma mas todos os dias vou apoiar uma turma do 1º ciclo. Neste momento estou a trabalhar com uma turma do segundo ano todos os dias. |
| D | Ahh... Pronto, constrangimentos. Ahhh ...Pronto, eu não estar muito por dentro em termos científicos de todas as áreas que estão representadas no meu departamento. Por exemplo, dou um exemplo aqui – contabilidade..., portanto essas disciplinas mais técnicas são muito específicas e acho que não há nenhum coordenador que consiga cientificamente estar por dentro de todas essas áreas, não é, científicas, porque o meu departamento é muito heterogéneo. Se pensarmos em economia, em sociologia, em filosofia, em moral, geografia. Portanto, eu, na parte de geografia e de história, eu sinto-me perfeitamente, agora áreas mais específicas, que eu não tive essa formação de base, tenho algumas dificuldades, não é, e tento realmente conciliar tudo e gerir, mas, por vezes, não é fácil, não é?! |
| E | Ah, muitas. Acho que, para já não tenho muito perfil para a Fui nomeada pelo director. No ano anterior tinha sido eleita e depois fui nomeada, porque o director achou que os que tinham sido eleitos, continuavam ... Mas gosto muito mais do trabalho na sala de aulas. Eu acho que sou educadora de infância, mesmo por gosto... a maior dificuldade que eu tenho é na organização da papelada... actas e essas coisas, eu vou sempre empurrando... havia actas, mas era assim, nós fazíamos reuniões, mas cada uma fazia a sua acta, havia uma coordenadora que, tudo bem, guardava aquilo num dossiê mas não era tanta papelada, não era tanta coisa. E eu como tinha um grupo de crianças. Pronto, tinha a minha actividade principal era o grupo das crianças. Agora é muita papelada, porque eu pertença ao grupo da auto-avaliação, |

| | |
|---|---|
| | <p>pertença à ACCAD, estou no conselho de <i>eco escolas</i>. Há coisas que... que eu acho que não estou vocacionada para aí, não estou a desempenhar tão bem e depois eu sinto uma certa frustração porque não consigo, como se costuma dizer ... não é a minha praia, não é o meu jeito. Eu acho que quando estou numa sala com crianças, eu estou muito melhor. Claro que faço um esforço para cumprir com aquilo que tenho, mas que realmente me realize, não! O que vale é que tenho dez horas lectivas, por semana, e vou dando um gostinho ao meu ..., não é.</p> |
| F | <p>Eu, eu, no fundo vou-te dizer sinceramente. Eu fui nomeada. Nunca estive nos meus objectivos profissionais ser coordenadora. No fundo foi uma imposição por ser titular. Não foi que eu tenha tido, ou que vissem o meu trabalho. Se calhar não foi pelo reconhecimento. A legislação permitiu. Se calhar agora estou mais habituada, já lido melhor com as coisas. Tenta-se dar uma imagem de departamento o melhor possível. Olha, entendes? Cada um dá as suas aulas, eu não me meto nisso. Há pessoas que têm muita experiência, o que é que eu posso fazer? Eu não posso ajudar na parte científica. Eu não vou ensinar nada. O que tento fazer, é, se precisarem de ajuda... Mas não propriamente das aulas. As dificuldades são mais relacionais, porque há pessoas que não têm espírito de grupo, são mais individualistas, porque se calhar não me reconhecem, como fui nomeada, e acham... Ai, se eu na avaliação tiver isto ou aquilo, com o dedo levantado, eu faço... As pessoas não reconhecem no outro ... e que têm toda a legitimidade para achar isto ou aquilo. Por exemplo, eu vou às aulas de Educação Física, eu só vou apreciar a parte pedagógica. Eu sou relatora mas não sou do meu grupo. Eu sou de EVT e sou relatora dos outros grupos do meu departamento que é Educação Física, Educação Visual, Música e Educação Especial. As pessoas têm muita dificuldade... a palavra avaliar assusta-as, porque nós também não temos isso enraizado, éramos avaliados mas de uma forma discutível – éramos todos nivelados da mesma maneira e agora tende a não ser assim. Agora... injustiça vai sempre haver. Não há sistemas perfeitos porque avaliar é sempre subjectivo.</p> |

| | |
|-------|--|
| Dpts. | <p>Questão 3.2. Considera que a existência de subgrupos pré-formados limita o trabalho entre pares no departamento? Justifique.</p> |
| A | <p>Não! - Eu estaria a favor dos subgrupos. Os subgrupos no sentido disciplinares? Ou subgrupos, o que é que tu chamas de grupos, são pequenos grupos que se auto-formam por razões de afinidades ou de amizades, é isso? Estava a pensar que seria, para mim, bom que houvesse, por exemplo, um subgrupo de inglês, um subgrupo de francês, ou um de português em que eu pudesse falar com essa representante, estás a ver, isso seria óptimo para mim,</p> |

| | |
|---|---|
| | <p>mas isso... a escola decidiu assim, mas estás a falar de outros grupos, estás a falar de grupo se amizades, afinidades ou porque têm o mesmo nível e estão mais ligados ou porque trabalham mais em comum, não é? Eu acho que não limita muito, porque, é assim, as pessoas têm o direito de ter as suas amizades, as suas afinidades, mas o trabalho pedagógico, isso não se confunde com o trabalho, acho eu, não se deve confundir, quanto a mim. Eu pessoalmente, eu tento e acho que não misturo as coisas, não é, posso ter a ver com algumas pessoas, mas quando é para trabalhar é para trabalhar. Isso, a escola, na escola nós temos que nos dar bem com todas porque o objectivo primeiro é o sucesso dos alunos, é o clima de escola, é a escola, pronto, eu ponho a escola em primeiro lugar e os alunos, como eu digo, a escola, é toda a comunidade educativa, portanto os alunos, os docentes, os não docentes, os pais, e isso é que realmente me preocupa.</p> |
| B | <p>Não, não noto isso no meu departamento.</p> |
| C | <p>Sim. Os subgrupos..., aqueles grupos que eu falei há bocado funcionam, a todos os níveis. É por ano. Aquele grupo já está tão enraizado, pese embora todos os anos ele mude. Nós instituímos isso, portanto eu sou professor do primeiro ano - este ano faço parte do grupo do primeiro ano mas, para o ano, como o meu primeiro ano é segundo ano, eu vou fazer parte do grupo do segundo ano e ... há troca de pessoas porquê? Porque há escolas em que nós temos um professor um ano de escolaridade mas, o grosso da coluna, isto é, a maior parte das escolas é um professor - dois anos de escolaridade, então eu alterno! O grupo nunca é constituído sempre pelas mesmas pessoas, portanto é rotativo. Isso já faz parte da nossa nomenclatura. Há sempre grupos heterogéneos, nunca são os mesmos.</p> |
| D | <p>Ahh... Imaginemos que dentro de um grupo de recrutamento há divisões, é isso – Sim, porque se não se tiver de facto um espírito de partilha alargada, não é, pode haver essas limitações. Pronto, por vezes há uma tendência mais para trabalhar com fulano, mas penso que ali, no meu departamento não há propriamente esse tipo de subgrupos, digamos assim. Penso que não. Acho que a partilha é desinteressada, que eu me tenha apercebido. Não há propriamente esses problemas.</p> |
| E | <p>Pois, nós temos subgrupos por freguesias, mas eu acho que não, que não limita, não. No nosso caso - não são departamentos tão grandes, não é. Eu não posso considerar muito isso porque somos poucos realmente, e subgrupos, temos, é por freguesias. Temos a freguesia do Carriço, as educadoras reúnem mais vezes por freguesias. Por exemplo, a freguesia da Guia, são só três educadoras. Na Mata Mourisca são só duas. Na Ilha são três e estão todas no mesmo edifício, reúnem muito mais porque é quase diário. Eu acho que não</p> |

| | |
|---|--|
| | <p>limita. Se o Departamento fosse maior, é, e até com outros grupos, porque depois há aqueles departamentos que têm o grupo da Educação Física. Eu acho que aí, não conseguiam ... Nós como estamos todas no mesmo nível, só há diferença pela localização e pelas freguesias. Eu acho que não há constrangimentos aí, não.</p> |
| F | <p>Depende. Se as pessoas se fecharem, se eu por exemplo tiver mais facilidade de trabalhar com alguém, com quem me identifico mais, pronto, tudo bem, não acho isso mal, só que também fechar, fechar-se muito, se calhar também não pode ser. Se calhar tem que haver interação, mesmo assim, nesses subgrupos. Eu também não posso falar pelos outros, eu falo por mim, não é. Eu acho que ainda há uma cultura muito individualista, ainda há muito essa falta de ... nós fazemos muitas vezes, por exemplo, eu vou sempre buscar o exemplo de EVT e estamos sempre nas aulas, nós temos sempre que - um não faz nada sem perguntar ao outro, ou seja, aí existe essa comunicação, agora nos outros... poderá haver alguém que, mas eu penso que ainda há muito essa cultura individualista. As pessoas não... isso é uma coisa que era assim antigamente e... custa a sair.</p> |

| | |
|-------|---|
| Dpts. | <p>Questão 3.3. Considera importante a qualidade de interações e um clima relacional construtivo? Porquê?</p> |
| A | <p>Claro. Sem dúvida. Sem dúvida. Porque é assim ... já não se consegue impor uma vontade como antigamente, quer dizer, nós temos que ouvir as várias sensibilidades, não é, ponderar muito bem e ... e temos que estar atentas, efectivamente, é como digo, portanto, não é o que é melhor para o docente, aquilo que é melhor para a escola, porque a escola é essencialmente de todos. A escola não é de uma pessoa, não é duma pessoa, pronto... suponhamos que há uma pessoa muito importante no grupo ou assim, pronto, a escola não é dessa pessoa, é das pessoas por exemplo, imaginemos, sei lá ... Importante no sentido com ... Sei lá, por exemplo pode ter importância na direcção, por exemplo há grupos disciplinares, departamentos que têm os, os directores adjuntos no departamento, não é, assim como nós temos assessores, só que, portanto ... e às vezes, não é... não é porque uma pessoa mais importante em termos de..., importante no sentido de hierarquicamente, aqui na escola seja mais importante que... não se tomam as decisões correctas porque, como eu digo o objectivo é sempre a escola, os alunos e a comunidade educativa, nunca as pessoas.</p> |
| B | <p>Claro que sim, porque eu acho que crítica construtiva permite a evolução e a melhoria do desempenho profissional.</p> |

| | |
|---|---|
| C | <p>Sempre, sempre, sempre. Só assim é que isto dá frutos, porque senão... se cada um puxar para seu lado, não vamos a lado nenhum. Aliás, as dificuldades que nós vamos sentindo, vamos tentando ultrapassá-las colectivamente. Há situações em que eu com as minhas estratégias consigo ultrapassar. Imediatamente se outro colega noutra escola estiver com as mesmas situações, isso é aflorado e diz olha eu experimentei isto, deu resultado e claro, logo a tentativa é implementar o que deu frutos</p> |
| D | <p>Claro, é super importante, não é. Se houver realmente um bom clima, se não houver esses tais subgrupos, eu acho que só temos todos a ganhar, Nós, a escola, os alunos, sem dúvida</p> |
| E | <p>Ai, eu considero, pois, isso. Porque quem ganha são sempre as crianças, que é o nosso objectivo principal. Eu acho que quem ganha são sempre as crianças. Se nós partilharmos muito mais, se não houver aquela... eu faço, mas guardo só para mim, não vou partilhar com ninguém - porque isso já vem depois ahhh O relacionamento já está ali fracturado, pronto ... eu acho que quem perde com essas são sempre os alunos e ... esta partilha que... Nós temos histórias em <i>powerpoint</i>, por exemplo, uma faz uma história em <i>powerpoint</i>, passa a todas, passa-se a todas. Temos trabalho de grafismo ou de bricolage, passamos a todas. Eu acho que esta partilha só enriquece e não pode haver estes egoísmos que há, porque eu tenho que ter melhor, porque eu tenho que ter melhor nota e... se alguém no nosso departamento está, ou veio com esse espírito, eu acho que já perdeu, porque depois com a força que há, ninguém tem coragem de tomar uma atitude assim. Isto é o que eu noto como coordenadora. Pronto, eu faço também um bocado esse papel de apaziguar as vontades e as forças e então já se notou mais quando ... se mudava muito nos concursos, que era por um ano. Todos os anos mudava - as colegas nunca conseguiam estabelecer um relacionamento mais forte, porque era um ano e iam embora. Nesse aspecto eu acho que beneficiámos com estes concursos por quatro anos, embora também traga desvantagens, não é, porque nós temos aqui duas colegas que são de longe e vão ter que aguentar aqui quatro anos. Também é complicado, nesse aspecto. Mas que nesta... no relacionamento que foi bom ... e depois é assim, como somos muitas que já estamos cá e que somos efectivas – somos dez – (só há duas que são de fora) há mais de quatro anos, já se criou de tal maneira um relacionamento, que quem vier de fora tem que... ou se integra ou então tem uma vida..., não é, portanto não tem força para fazer frente. Nós já somos um bloco. É isso que eu noto.</p> |
| F | <p>Porque só há ganhos nisso. Se as pessoas fizerem, lá está, eu há pouco, eu disse que se por exemplo alguém fizer alguma coisa, pronto, que não esteja às vezes correcta, pronto, eu tenho a minha opinião, posso sempre dar uma opinião mas nunca é naquela base de estar a desfazer ou a achar que sei mais</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>que o outro. As pessoas, todas, têm sempre coisas em que são melhores do que noutras. Não há ninguém que seja bom em tudo. Se calhar eu sou melhor numas coisas, há um colega que se calhar é melhor que eu noutras. Eu acho que é dessa partilha que depois as coisas funcionam bem. Portanto assim é construtivo. Agora se houver pessoas que achem que sabem mais e que os outros não percebem nada e vem logo naquela de eu é que sei e tu não percebes nada disto, isso aí está tudo estragado, não se consegue. Há sempre quem tenha essa forma de estar.</p> |
|--|--|

| | |
|-------|--|
| Dpts. | <p>Questão 3.4. Considera que no seu departamento existem constrangimentos para o trabalho colaborativo? Quais?</p> |
| A | <p>Constrangimentos... Os constrangimentos que existem são aquilo que acontece com toda a gente, tem a ver com o carácter das pessoas ou seja, as pessoas são diferentes, não é? Tu sabes perfeitamente que há pessoas que têm um carácter muito mais difícil, menos maleável que ... às vezes, para trabalhar em conjunto com essa pessoa, a pessoa tem que se dobrar muito, ou seja, não é ... há pessoas que não são fáceis no nosso departamento, assim como em todos. As pessoas são diferentes. Os constrangimentos já foram piores do que são hoje, eu acho. Eu sentia, há uns anos atrás, não existia... os colegas diziam, ah isto ficar depois da hora, não estou para isso. Quando era uma reunião, era uma chatice. Isso vai ser rápido? Quer dizer, querem as coisas rápidas, não querem reuniões porque demoram tempo, não querem estar para além do seu horário. Portanto era mesmo o cumprir horário e mais nada, não é? Hoje, eu acho que as pessoas já não falam assim. Não sei se é por consequência da avaliação, poderá ser, se as pessoas estão a mudar, também pode ser, as pessoas mudam, ainda bem. Todos nós mudamos, não é? Neste momento não vejo constrangimentos ao trabalho colaborativo, <u>a não ser</u> a falta de coincidência de uma hora, pelo menos ... que os horários estivessem preparados para ... Já não senti isso este ano mas senti isso há uns anos atrás que as pessoas não queriam estar para além do seu tempo.</p> <p>Para mim há sempre pessoas que têm um carácter mais difícil mas, acho que isso acontece com toda a gente, mas isso é sempre tudo relativo. É a minha visão das coisas, e a minha visão, a minha perspectiva é sempre deturpada pelos meus sentidos.</p> |
| B | <p>Falta de tempo dos docentes, o que não permite que esse trabalho colaborativo seja feito de modo formal e para isso recorremos ao e-mail, muitas vezes.</p> |

| | |
|---|---|
| C | <p>Há sempre, não é... cada um de nós tem uma opinião, pode não estar, naquele dia, bem-disposto, pode... Lutamos sempre com o problema de disponibilidade de tempo, portanto o grupo nunca Tem que encontrar uma hora bastante adiantada para conseguir reunir toda a gente porque os horários, por exemplo, de apoio ao estudo não colidem. Como não colidem, há professores que têm que esperar uns pelos outros. Às vezes ... limita e traz alguns constrangimentos. Não é o facto de querer. As pessoas às vezes até se desdobram, ahhh... mas é engraçado porque, mesmo havendo um elemento que por qualquer circunstância não esteve, não pode estar presente, ele partilha e imediatamente é-lhe dado a conhecer o resultado do trabalho feito</p> |
| D | <p>Que eu me tenha apercebido não, como eu disse já atrás, penso que não. Há, há, há um nível de constrangimento que é em termos de horários, que é espaços pré-definidos para nós podermos trabalhar, pronto em grupo, partilhar trabalho. Penso que se os horários à partida contemplassem horas, imaginemos quem tinha um determinado nível tivesse horas para preparar actividades. Se tivessem horas atribuídas à partida, portanto, em simultâneo, quem tivesse, por exemplo a leccionar o nono ano/Geografia, se tivesse horas em comum para trabalhar, era uma mais-valia óptima. Agora, como não existe isso, têm de ser as pessoas muitas vezes extra-horário a tentar desenvolver esse tipo de trabalho colaborativo, o que é uma pena. Isso é um constrangimento, à partida.</p> |
| E | <p>Às vezes há. Não é tudo um mar de roas porque, quando é preciso horas fora das horas lectivas noutros dias, há sempre alguém que tenha filhos para ir buscar ou tem o marido doente ou... pronto, e às vezes é preciso encontrar ali... uma data ou falar doutra maneira, fazer ali uma Também há, pronto, também há. Há pessoas que moram longe. Também tenho atenção a isso, pronto. Mas eu digo-lhe, os e-mails foi a melhor coisa que houve nesse aspecto, porque às vezes não é preciso falar muito, basta partilhar mais as coisas que se estão a fazer e depois basta um telefonema ou qualquer coisa, uma reunião por mês. Quando é necessário mais alguma, pronto ...ainda agora, quarta-feira da semana que vem vamos estar todo o dia em reunião, porque temos reunião de articulação com o 1º ciclo, e depois temos reunião ahhh... de avaliação da componente de apoio à família. Porque ... as creches fecham às 3h30, a parte lectiva, não é, mas como há a necessidade de ocupar os meninos nos tempos pós-lectivos, não é, há os tempos livres que nós, no nosso caso, não chamamos tempos livres, chamamos componente de apoio à família, porque é a família que precisa desse serviço e então é assegurado pelas Juntas de Freguesia em colaboração com os Centros Sociais que existem nas localidades. Mas nós é que supervisionamos essas actividades que são feitas depois das 3h30 até às 5h30, 6h30 ou 7, consoante o horário dos pais e a necessidade. Nós é que supervisionamos isso e também fazemos a avaliação porque as crianças estão entregues às animadoras, que são chamadas de</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>animadoras, mas que não têm formação para tal. Não têm curso. Geralmente é um emprego dado às pessoas que são ali da terra e que precisavam de trabalhar. É assim - por aquilo que temos tido aqui, temos tido sorte, porque temos tido pessoas, que apesar de não terem tido formação, têm <u>dom</u> e esforçam-se por ... como também é poucas horas ... e têm uma orientação da educadora, não quer dizer que eu vá todos os dias orientar. Fazemos um plano de actividades que entregamos, e que é feito com elas e depois vamos dando sugestões e materiais e ... não estamos mal nesse aspecto. A avaliação é positiva, mas também fazemos a avaliação desses serviços e fazemos a avaliação do período todo, fazemos a avaliação em relação à evolução das crianças, às actividades que fizemos, que depois juntamos aquelas mensais, todas, e fazemos a avaliação do período.</p> |
| F | <p>Esses constrangimentos vêm exactamente daquilo que eu acabei de referir, das pessoas muitas vezes não aceitarem o trabalho do outro e também da falta de capacidade das pessoas se juntarem. Por exemplo, isso não tem que ser uma coisa formal. As pessoas têm que fazê-lo naturalmente, e acho que isso não se faz. Há muita falta de trabalho de equipa nas escolas. O meu departamento acaba por espelhar, não é diferente dos outros. Eu falo com outras pessoas que ... No meu departamento, noutras escolas, é a mesma coisa. Nós tentamos sempre comparar, e aquilo que fazemos com ... outras colegas, por exemplo colegas de P..., da F... com quem eu converso - ainda agora encontrei um colega da Marinha Grande numa visita de estudo, e aquilo que eu dizia... eu começava a frase e ele terminava porque era exactamente, os tais constrangimentos são idêntico, mesmo iguais. Eu acho que é devido ao individualismo. Está melhor, está melhor do que quando eu, por exemplo, comecei a trabalhar mas...</p> |
| <p>Objectivo – Averiguar a promoção do trabalho colaborativo.</p> | |
| Dpts. | <p>Questão 4.1. Estimula os docentes que coordena a trabalhar em parceria? Como?</p> |
| A | <p>Pois, se calhar... não sei. Pausa. Eu, o ano passado, acho que ... nos primeiros anos, eu insistia muito no trabalho de equipa, não sei se estás lembrada hmm, e depois achei que aquilo já era um disco gravado, e acho que as pessoas já trabalham mais em equipa, e este ano ah... talvez, ah, por minha culpa, tenham um pouco...ou porque as pessoas estão a colaborar mais ... eu ... já refiro esse assunto muito menos, já. Eu mencionava isso como uma necessidade, o trabalho em equipa, hoje já tenho isso como um dado adquirido. É diferente, portanto, já não tenho a necessidade de, claro que estar sempre a aconselhar, a impor, impor nunca podia impor mas o trabalho em equipa, porque eu vejo que isso se faz, e faz-se cada vez mais, é o que eu sinto. Tu és uma excepção. Tu</p> |

| | |
|---|--|
| | tens só o nono ano, sozinha. Se calhar devia estimular mais. Devia ter insistido mais, talvez ainda. Se calhar ainda não é o desejável, não é? |
| B | Olha, durante os anos anteriores e no primeiro período foram feitas reuniões por grupos disciplinares (o que não volto a fazer, porque tinha de estar em cinco reuniões diferentes e, o que acabou por sobrar para mim, tinha de fazer cinco actas,) Agora, normalmente, no fim de cada reunião de departamento há reuniões parcelares, por grupos disciplinares, onde se conversa sobre aquilo que os docentes consideram mais pertinente e se definem linhas orientadoras para o trabalho em termos de grupo, por exemplo análise de resultados da avaliação, da preparação das actividades extra curriculares, agora a preparação de novos programas de Matemática. |
| C | Sempre. Aliás nós no primeiro ciclo, uma escola - dois professores, regra geral e.... Essas parcerias existem, forçosamente, e ... quer queiram, quer não, eles emparceiram sem querer, não é? E depois, claro, isso depois também tem a ver com as pessoas. Uns interagem, uns mais que outros, é evidente, não é? Mas depois também é um bocado complicado, porque se um tem, um primeiro e segundo ano, o outro tem segundo e quarto e ... às vezes, claro, quando as actividades são comuns, eles emparceiram e essas já estão delineadas no plano anual de actividades. Toda a gente já sabe que as actividades, ahhh... da sua operacionalização no contexto de sala de aula ou então no contexto global, onde toda a gente faz e partilha. |
| D | Sim, sim, sim, logo desde o início, aliás quando se distribuem as planificações, o trabalho de planificação, normalmente as pessoas são logo organizadas por ano, para fazerem determinadas planificações, para produzirem testes diagnósticos. Tudo isso é promovido para que realmente as pessoas posam trabalhar em conjunto |
| E | Sim, sim. Sim, sim. Pronto, nos jardins onde há duas salas, é sempre feito em parceria. Ahm... O trabalho, por exemplo, que vai para o dia da mãe ou os fatos de Carnaval são todos construídos lá e é tudo, tu fazes esta parte e eu faço aquela, não é propriamente fazer em série, por exemplo... os meus têm três anos, por exemplo podem pintar, são capazes de pintar com as mãos, ou assim, depois os cinco anos podem recortar, os de três anos não são capazes de recortar, portanto é feito este tipo de trabalho. Mesmo o projecto que temos, já é nesse sentido. No início, a ideia de o projecto ser sempre igual foi sempre de mim que partiu e nunca aceitaram muito bem as colegas, porque gostavam de trabalhar à sua maneira. Até que entendessem que o tema era comum e que podiam trabalhar à maneira delas, cada uma delas como queria, pronto ... demorou algum tempo. Mas hoje, toda a gente valoriza isso. |

| | |
|---|--|
| F | Eu acho que sim, que faço isso. Estimulo, na medida em que, quando lhes digo, que por exemplo que têm que ter as planificações com, com... tentar, por exemplo, uniformizar matrizes, quando tento dizer-lhes que, por exemplo, há bocado veio a discussão, que é através da discussão que se encontra um caminho bom para as coisas, não é. Quando, por exemplo, há constrangimentos entre eles, na forma de verem as coisas, e às vezes alguém se exalta mais e eu fico ali no meio, tenho que tentar apaziguar e tentar que as coisas, pronto, que as coisas se desenvolvam da melhor maneira, sem atritos. |
|---|--|

| | |
|-------|---|
| Dpts. | Questão 4.2. Como é fomentado, no seu departamento, o desenvolvimento de interacções participativas? |
| A | Pausa. Eu penso que o trabalho é elogiado em acta, faz-se o mapa mensal do trabalho e... fica sempre registado como decorreu, não é? |
| B | Nos momentos de reunião de departamento, por e-mail, quando há algum assunto pertinente em que se pede a colaboração de colegas. Ocorre informalmente, muitas das vezes. |
| C | É assim, ahh... Pronto, há nos grupos - cada grupo tem um líder. Esse líder sobressaiu precisamente pelas suas condições natas, isto é, se calhar eu tenho mais facilidade de relacionamento, sou um bom comunicador e, foi por aí. Não foi, realmente, não foi por... e o grupo sem estar a fazer aquela eleição directa, olha o fulano ou fulana até tem jeito e é aceite pelo grupo ... e é assim que tem funcionado. Portanto, em cada grupo de ano de escolaridade temos um líder que é o responsável pela recolha, da partilha de outros grupos e, ao contrário, pela divulgação do trabalho também relativamente aos outros grupos, de maneira que isso aconteceu naturalmente, não foi imposto. |
| D | Olha, por exemplo também, quando de facto se apela à concretização de algumas actividades extra curriculares, as pessoas, portanto, prepararam essas actividades em conjunto, dão, por exemplo, opinião sobre determinadas matérias quando decorrem as reuniões de departamento, propostas para levar a pedagógico, portanto as pessoas são levadas a participar nas várias coisas que vão ocorrendo ao longo do ano. |
| E | Pois, isso também é sempre no departamento e é sempre por parte da Coordenadora. Nós temos uma outra coordenadora e educadora que é, duas... são coordenadoras de centro. Quando o edifício tem mais que três salas, já tem que ter uma coordenadora de centro. Por exemplo, na Guia há uma educadora que tem um grupo de crianças, que tem uma sala, mas é coordenadora do centro e então essa é que faz a coordenação entre as três. Não é assim diariamente, pronto, ahh... e na Guia também há... São duas salas, mas também se coordenam bem. Às vezes ainda há atritos, porque há sempre. |

| | |
|---|--|
| | <p>Nestas coisas há sempre opiniões até que se acerte. Às vezes vou lá, para pôr água na fervura, para ver qual é a melhor maneira ... Não quer dizer que as pessoas se destratem... «Ai, mas eu acho que devia ser assim»; «Olha, a Maria quer assim.», e não sei quê e, às vezes, vou lá, «Então vamos lá ver...» e acertamos as agulhas, como costumamos dizer. E às vezes uma pessoa de fora consegue ver uma solução que, quem lá está dentro, já não consegue, pronto, e aceitam bem, eu acho que aceitam. Depois de se explicar bem porque é que é isto ou aquilo - geralmente as pessoas não aceitam, se não souberem porque é que não estão a fazer, não é?!</p> |
| F | <p>Por exemplo, para já tento motivá-los no sentido de haver um diálogo, que é aí que eu penso que falha muito, não é?! A partir do diálogo é que as coisas funcionam. As pessoas têm que estar receptivas, e depois, tento também que as coisas funcionem. Quando eu vejo que há alguma coisa que não está a correr bem, chamo à atenção, mas também não digo de uma forma arrogante, digo, falo com as pessoas, tento chamá-las um pouco mas... também é difícil. As pessoas às vezes, mesmo assim, não aceitam. E sabes porque é que também não aceitam? Eu acho que, como fui nomeada, eu acho que ainda há um pouco esta ... as pessoas acham que nós não temos, como fomos nomeados, pronto... e isto também porquê? ... Porque, quando era a divisão da carreira docente, os titulares é que podiam ser os coordenadores. Há pessoas que ainda acham que nós não temos legitimidade. Ainda ficou um bocadinho isso por resolver. Se calhar isso ainda vem à tona. Porque também é assim, como só tenho esta experiência, não tenho outras, se calhar também estou errada. Não sei se era a mesma coisa, mesmo que eu fosse eleita no departamento, não sei se as coisas acabariam na mesma. Mas às vezes penso que é disso.</p> |

| | |
|-------|--|
| Dpts. | <p>Questão 4.3. Pensa que no seu departamento há docentes que tendem para um isolamento profissional?</p> |
| A | <p>... É assim, eu penso que eles não tendem para um isolamento profissional. Não há docentes com essas características, não quer dizer que... que há docentes que se marginalizem um pouco, pela sua maneira de ser, talvez. Talvez eu sinta isso. Não</p> |
| B | <p>Penso que não. Não há nenhum caso de fecho profissional neste momento.</p> |
| C | <p>Ahh... Pode eventualmente às vezes haver alguma tendência, mas ela é esvaziada porque o professor do primeiro ciclo, pese seja mono docente, mas como eu disse há bocado, uma escola tem dois professores, inevitavelmente eles ... fazem parcerias, trabalham em equipa, partilham e então nota-se, por exemplo, na Guia e nos Vieirinhos onde já há quatro turmas em que aí, é inevitável. Eu posso estar duas horas dentro da minha sala de aula a trabalhar</p> |

| | |
|---|---|
| | <p>individualmente, mas a seguir ou no intervalo ou a meio eu vou, e partilho, sempre. Se não é a vigilância, é um assunto qualquer, é uma actividade que está programada e que tem de ser planificada – “e agora como vamos fazer?” E portanto, há <u>sempre</u> interacção, sempre!</p> |
| D | <p>Se calhar há alguns que por feitio próprio são mais inibidos, mais tímidos, mas eu tento diluir ... e incentivo as pessoas a reunirem se e tal. Às vezes, eu sei que não se concretiza porque, lá está, não há aquelas horas predefinidas nos horários. As pessoas também têm a sua vida e há mas o feitio condiciona um bocadinho esse trabalho colaborativo, tenho consciência disso. É, às vezes é. Eu noto, noto, que há pessoas que preferem trabalhar individualmente tendem p’ra’í um bocadinho, mas eu tento sempre.... É um bocado feitio das pessoas, e pode ser defeito, porque depois o trabalho, não é, acaba por ser mais individual, não compartilhado, sem dúvida. Mas aí também é um bocado difícil ultrapassar um bocado essas barreiras, não é?</p> |
| E | <p>Há... também! Há, sim senhora, mas também é pela zona geográfica que temos. Nós temos um Jardim aqui na freguesia do Carriço que é da Silveirinha Grande - só tem dez meninos. E é assim hmmm... Havia quatro Jardins. Dois juntaram-se no Centro Escolar, no pólo escolar que abriu este ano. E depois temos o da freguesia da sede que é do Carriço mesmo, que está ao lado da junta de freguesia e depois temos esse da Silveirinha Grande que já fica para o lado de lá e que, dada à situação geográfica que tem, também não é muito fácil a articulação. Por outro lado, a educadora que está lá é uma educadora que esteve vinte e três ou vinte e quatro anos a trabalhar no particular, esteve destacada e que regressou há dois anos e ainda está com alguma dificuldade de integração nesta, neste serviço, mas não está mal. Acho que ela que já fez um bom caminho mas é a única pessoa que eu acho que está realmente isolada das colegas, embora de mim não, pronto porque eu passo lá muita vez e falamos, mas ela não vai almoçar com as colegas. Nós juntamo-nos para almoçar umas com as outras. Não vai, traz almoço de casa, prefere almoçar no cantinho dela. Eu acho que está um bocadinho deslocada por essa experiência que teve muitos anos destacada no particular. Temos que lhe dar um tempo. Vai chegar lá, não é.</p> |
| F | <p>Olha, às vezes porque não conseguem... por problemas pessoais... e não têm capacidade de chegar ali à porta da escola e... não conseguem, se calhar deixar os problemas em casa e funcionarem aqui como se, pronto, fazer um esforço, pronto, as pessoas misturam....Acho que devemos ter a capacidade, por muitas coisas más que a nossa vida pessoal nos limite, não é, temos sempre que tentar ultrapassar e dar o nosso melhor. Não vir para aqui, por exemplo, e responder mal e achar que...às vezes há pessoas que descarregam um pouco em cima dos outros, quando o problema não é bem aqui, já o</p> |

| | |
|--|--|
| | <p>trazem e misturam um pouco... Eu acho que isso não ... Agora, neste momento, isto está uma instabilidade grande no nosso país. Penso as pessoas andam angustiadas, tristes, andam deprimidas. Penso que também tem a ver com isso e isto já reina a instabilidade há muito tempo nas nossas escolas e penso que as coisas estão a ser complicadas. Acho que é tudo junto. Há várias situações, é o que me parece.</p> |
|--|--|

| | |
|-------|--|
| Dpts. | <p>Questão 4.4. Que razões encontra / aponta para que esse isolamento profissional exista no seio do departamento?</p> |
| A | <p>... As razões ... as razões só podem ser mesmo com o feitio da pessoa, eu acho... Porque não me está a ocorrer uma outra razão. São pessoas mais reservadas ou porque, não sei, não querem mostrar o seu trabalho ou então não querem, só pode haver ... pelo carácter da pessoa não querer mostrar o seu trabalho ou por... qual será a outra razão? Como é que a pessoa se pode isolar profissionalmente? Não sei.</p> |
| B | <p>Não tenho.</p> |
| C | <p>Se calhar nós tínhamos razões para esse isolamento, mas nós quebrámo-las, porque nós somos escolas, não é ... isoladas, não é ... Às vezes encontramos, os professores de uma escola encontram-se pessoalmente, sei lá, de quinze em quinze dias ou mês a mês nas reuniões. O que é facto é que nós temos canais de comunicação que já estabelecemos, que é o <i>mail</i> e que inevitavelmente as pessoas comunicam já por..., olha porque faz parte da "rotinisse", é verdade, não há isolamento. Claro aquele isolamento físico existe, mas depois.... Não há, não há.</p> |
| D | <p>É como eu disse, uma questão de feitio, é também uma questão de hábito, porque já vem de há muitos anos, porque nós já estávamos habituados a trabalhar muito individualmente, pronto, e isso demora um bocadinho a mudar, não é? Julgo que o processo das mudanças não é fácil, não é. Leva sempre o seu tempo, mas pronto, vamos batalhando</p> |
| E | <p>Pois as razões são mesmo essas de ter estado muito tempo no ensino particular destacada e ahm... também é uma pessoa que já é mais velha, já está no topo da carreira e é assim, está contra isto tudo da avaliação, desta legislação toda porque já não tem paciência para isto e « já estou velha, e já devia estar... » e já não faz um esforço para ...se aproximar ou para se integrar nos dias de hoje. Porque a educação de infância há dez anos atrás não era a mesma que é</p> |

| | |
|---|---|
| | <p>hoje, e há vinte anos atrás, pior ainda, mas as instituições particulares ainda vivem um bocado fora deste contexto que o Ministério de Educação nos colocou, quer dizer, e então, são muitos anos... Eu acho que ainda vai demorar um tempo para ela... embora ela cumpra com o que tem que cumprir, participa nas nossas reuniões, dá as suas opiniões, apesar de não serem iguais ahh... Nós temos é que aceitar. As opiniões são diferentes, divergem, não é?</p> |
| F | <p>Olha, às vezes a culpa também pode ser de quem está à frente do departamento, que não consiga dar a volta, que não tenha perfil, que seja demasiado... sei lá...olha que seja demasiado... sabes, eu não queria aqui, às vezes não é uma pessoa... o saber mandar ... para mim coordenar, não é mandar, não tem nada a ver. São coisas totalmente diferentes. Mas às vezes aquela pessoa, pela sua forma de ser, que tenha uma maneira de ... fazer as coisas... diferente... de, de ...transmitir aos outros, se calhar, mais segurança, mais... se calhar... a culpa nunca é de uma só pessoa. Até pode ser da pessoa que está à frente do departamento, porque não?</p> |

| | |
|-------|---|
| Dpts. | <p>Questão 4.5. Que estratégias desenvolve para inverter esta situação?</p> |
| A | <p>Essa é uma boa pergunta.... É assim, é solicitar a colaboração desses colegas. Eu tenho tentado, muito subtilmente, vocês se calhar não notam, tenho tentado pedir a colaboração desses colegas para mostrar que eles são importantes e o que eles pensam, como é importante, posso dar um exemplo ... o colega X é uma pessoa que era difícil, está muito melhor, tem vindo a evoluir, agora o porquê, também não sei, não é? Também acho que tenho feito algum trabalho com ele, embora na retaguarda vocês não tenham visto, e muitas vezes, aliás, foi essencialmente o ano passado, eu vi a matriz dele e ele a explicar a matriz, portanto dei-lhe alguma, como é que eu hei-de dizer, alguma visibilidade porque ele faz algum trabalho bom, só que não partilha muito, apesar de haver muito rigor e se calhar ele ser exigente, eu pedi que ele partilhasse esses trabalhos para não estar profissionalmente isolado, e eu acho que ele , ainda hoje, ainda hoje me mandou uma matriz que ele utiliza para o secundário e já mandei também para as colegas e olha, acho que isso é um exemplo de ahmmm, pronto, subtilmente conseguir, não sei, isolar menos o colega, talvez, ou marginalizá-lo menos, não é?!</p> |
| B | <p>Não se aplica.</p> |
| C | <p>É precisamente esse. Primeiro foi o canal que estabelecemos todos e de comum acordo de partilha das coisas através do <i>mail</i> e é esse o canal</p> |

| | |
|---|--|
| | principal. |
| D | Lá está, chamo à atenção. Tento, sempre que surja algo que possa ser feito em grupo... para que as pessoas o façam. Ainda agora, por exemplo, vem aí a jornada cultural, vamos organizar actividades em conjunto, pronto, para cada situação há sempre um alerta adequado, para que as pessoas possam congregiar esforços, não é? Sempre que é possível, às vezes não é possível. (riso) |
| E | Pois, eu estou sempre a chamá-la para almoçar. Ela vem às reuniões. Quase que a obrigo a vir aqui trazer documentos, porque senão não vinha, também. Mandava por e-mail ou ... ainda agora na sexta-feira cá esteve, porque era para marcar as férias e ela disse-me «Olha, tu não podes marcar por mim?». “Ai, custa-me tanto ir à Guia.” “Mas tens que lá ir!” E quando há reuniões, nós fazemos, às vezes, almoços entre nós e às vezes, nas interrupções vamos almoçar todas, praticamente. E há sempre quem não queira ir. «Ah eu não vou almoçar, eu trago não sei quê.» «Mas tens que ir, é obrigatório. Tanto gastas a pagar assim como assado, mas às vezes dizemos isso e as pessoas ficam um bocado ... Está bem, eu vou. Porque nos nossos almoços estamos geralmente a falar de trabalho. É o bocadinho que temos da hora de almoço - é quase sempre a falar de trabalho, do que aconteceu. E aqui também temos outra coisa, também fazemos algumas actividades comuns, por freguesia. Juntam-se. Não temos hipótese de juntar todo o agrupamento, mas juntamo-nos por freguesia. Por exemplo, agora esta semana está a decorrer a feira das histórias e ahm... Nos Vieirinhos vieram ontem todas as crianças da freguesia, do Jardim de Infância do Carriço e da Silveirinha Grande... Vêm participar nas actividades ali do centro. O Carnaval foi um desfile todo junto - todas as freguesias participaram todas juntas. Por exemplo, essa componente de apoio à família é feita numa sala das crianças de toda a freguesia, de todos os Jardins, porque como nem todos querem, por exemplo, há oitenta crianças naquela freguesia, nos Jardins de Infância, mas só trinta é que precisam do prolongamento, e então não se justifica haver uma sala para essas actividades na Silveirinha Grande, outra no Carriço, outra nos Vieirinhos. Junta-se tudo nos Vieirinhos e estão lá as animadoras e eles são transportados de carrinha. Só aí já tem de haver uma articulação entre aquelas educadoras daquela freguesia que têm que supervisionar aquelas actividades da componente de apoio à família, e é assim. Por exemplo, agora na sexta-feira vai haver o laboratório em que eles também participam todos. Se calhar é pouco o que fazemos. Não, eu sinto que às vezes que é pouco, mas também temos esses constrangimentos dos transportes. Não podemos deslocar crianças pequeninas de qualquer maneira. |
| F | Olha, as minhas estratégias são aquilo que eu sou na minha essência como pessoa. Tento sempre... é, é ... São intuitivas, tem a ver com a minha personalidade, com a maneira como eu me ponho nas coisas. Tento sempre |

| | |
|--|---|
| | <p>pôr-me no papel do outro, é isso que eu faço, esse exercício de, de ... Não ando, como é que eu hei-de dizer, também tem a ver com a facilidade que eu tenho de... Eu tenho, às vezes, mais facilidade em falar mais com umas pessoas do que com outras, não é, mas também nesta altura já conheço um bocadinho da maneira de ser de cada um, não é? Portanto também acabo por ter isso sempre muito presente. Sei que, se calhar, se eu falo com uma pessoa de uma determinada maneira, tenho uma relação que me permite isso, mas com outros, já não é bem assim. Portanto eu penso que isso ... quer queiramos, quer não, nós acabamos por ter essa faceta.</p> |
|--|---|

| | |
|-------|---|
| Dpts. | <p>Questão 4.6. Entende que a promoção do trabalho colaborativo depende do perfil do coordenador?</p> |
| A | <p>Não só, mas também. Pode depender numa parte. Não tenho dúvidas disso. Ahm ... Tem que ser uma pessoa que saiba liderar e ser sensível às várias tendências, não é, que consiga trabalhar em equipa, para já, não é? Tenha inteligência emocional suficiente e também sentir que com a idade, com o treino, com a experiência e com as leituras, portanto. Eu tenho, modéstia à parte, mas eu tenho lido umas coisas, não é, até pelo cargo executivo que tive, eu tive que me actualizar nesse domínio. Não se chega a coordenadora ... apesar de ter sido nomeada, hmmm... inicialmente até fui eleita, se bem te lembrás, portanto, eu acho que o perfil do coordenador é importante, sem dúvida.</p> |
| B | <p>Depender na totalidade, se calhar não depende. Pode é ser mais ou menos estimulada por ela, porque eu acho que o trabalho colaborativo tem de partir de cada docente e tentar pô-lo em prática.</p> |
| C | <p>É, pois, se calhar, pois eu dou o meu contributo pela experiência que tenho e de gostar de partilhar, conversar, e etc, etc. Tento incutir nos meus colegas, mas não sei se tive algum peso, não é? Porventura tive, mas nós mono docentes, sentimos necessidade de partilhar, de actuar, claro, entre 33 pessoas, há umas que têm mais afinidades com umas que com outras, isso é compreensível, não é? E com essas se calhar eu partilho mais ou falo mais mas ...regra geral, esses assuntos são ... As opiniões são partilhadas por todos.</p> |
| D | <p>Também é capaz de depender. A pessoa à partida que não está para aí virada também é capaz de não comunicar esse anseio nem o fazer passar, e ... acho que sim, que depende um bocado, sem dúvida, do perfil. Tem que ser alguém que esteja aberto a esse tipo de atitude, não é. Tem de ser uma pessoa que</p> |

| | |
|---|--|
| | realmente goste também de trabalhar em equipa, que reconheça mais-valias nesse trabalho para depois poder passar aos colegas de departamento. |
| E | Em parte depende... depende. Em parte depende, porque ahm... O coordenador tem que ter a capacidade de conseguir levar o grupo todo a trabalhar com satisfação, a sentir-se... mesmo apesar de toda esta legislação que vem contra nós, nós temos que ser capazes de dar a volta por cima e de gostar daquilo que fazemos. E se o coordenador vai para ali, já tivemos uma coordenadora que é nossa colega, que é uma excelente profissional e que era muito ansiosa e muito nervosa quando começou isto tudo da avaliação e todos nós andávamos assim, nervosos e ansiosos porque ela transmitia isso. Eu acho que o coordenador deve transmitir outro tipo de atitude, de gosto por aquilo que se faz, de empenho, porque acho que toda a gente depois começa... não é preciso muito tempo para as pessoas começarem a seguir o exemplo e, acho que depende, depende. Se calhar, cinquenta por cento depende do coordenador. |
| F | Não, não. É de todos. Eu acho que isso é de todos, apesar do coordenador ter aí um papel bastante preponderante, importante, mas penso que tem de ser de todos. A coordenação tem de ser de todos, não é só de uma pessoa . |

| | |
|-------|--|
| Dpts. | Questão 4.7. Quais as medidas que aplica para que todos os docentes do seu departamento (sem excepção) trabalhem em colegialidade? |
| A | Pausa. Geralmente são naquelas reuniões sectoriais que, que eu falo no início do ano, que depois têm que continuar a trabalhar. Mas dou-lhes uma certa liberdade, ou seja não estou atrás dessas equipas, a perguntar...No princípio do ano, muito bem, porque tenho de apresentar as classificações, a preparação dos materiais, enfim. Depois vou deixando uma certa liberdade às pessoas para se organizarem, sem estar ali a verificar, uma a uma, o trabalho que é feito. Portanto, as pessoas são adultas, são responsáveis...vou tentando supervisionar, entre aspas, mas assim mais à distância, através, também, das tecnologias de informação, claro. Os meios estão sempre a funcionar, graças a Deus. O meu está sempre ligado. Ainda hoje, eu vim para a escola, tive aulas só à uma, mas até ao meio-dia e meia tive o computador ligado. Tinha acabado de receber um <i>mail</i> da direcção sobre a ADD e já reencaminhei para os colegas, portanto a informação está sempre a, como é que eu hei-de dizer, está sempre actualizada e acho que estou a par do contacto diário. Também estou diariamente na escola a contactar com os colegas e estou disponível todas as horas para resolver problemas pontuais que surjam de coordenação, disto ou daquilo porque, porque o francês é fácil porque somos poucas. Bem, o inglês ...também não são muitas. Português também têm um bocado mais de trabalho por causa dos exames, preparação para os exames, mas ... estou a |

| | |
|---|--|
| | tentar controlar. Há sempre problemas que surgem mas, estou a tentar estar a par dos problemas que vão surgindo para conseguir chegar a consenso entre as partes. É difícil. |
| B | Eu acho que isso é impossível de se obter a cem por cento porque não há tempos para isso, a discrepância de horários. Propunha que nos horários dos professores fossem marcados tempos comuns entre os docentes que leccionam os mesmos níveis, a não ser que estejamos aqui desde as oito e meia até à meia-noite. |
| C | Isto está instituído... Eu sou contra a imposição seja do que for. Nós temos necessidade, nós sentimos profissionalmente a necessidade de partilhar. Se sentimos essa necessidade, arranjamos caminhos diferentes para fazer essa partilha. Ahhh... Portanto estes grupos estão constituídos já há quatro anos, ahh ... No primeiro ano houve alguma relutância porque as pessoas não estavam habituadas. Se calhar cada um trabalhava mais isoladamente, mas fomos cimentando, implementando esse tipo de trabalho e hoje, e as pessoas hoje, já não se vêem... Se tivéssemos que desfazer os grupos e disséssemos agora, agora cada um puxa para seu lado, as pessoas sentir-se-iam mal porque ... porquê? Porque do trabalho que temos feito em equipa tem saído bons resultados, daí ...as pessoas sentem mesmo necessidade dos grupos. Repara, os grupos estão organizados de tal maneira que uns reúnem aqui na escola sede, outros reúnem numa escola onde dá mais jeito à maioria deles e, portanto... as pessoas já sentem necessidade desses encontros. Fazem reunião todos os finais de período. Já têm diagnóstico quase feito de cada menino. |
| D | Normalmente, pronto, quando eu quero algo em concreto que seja feito em comum ahh... dou um prazo para a entrega daquela planificação e ... realmente as pessoas têm que se reunir para preparar aquilo que é pedido, portanto tem que haver de facto algumas regras que têm de ser estabelecidas para que as pessoas têm de dar uma determinada resposta. Estava-me a lembrar das planificações curriculares, não é, portanto distribui-se o trabalho a determinados grupos, depois há um prazo para entrega e as pessoas são responsabilizadas para o cumprimento daquelas tarefas, tem que ser, senão ... não funcionava, não é, digo eu. |
| E | Eu não aplico medidas. Eu não aplico medidas A única coisa que nós temos é realmente o projecto que é construído em comum e o plano de actividades que é construído em comum e os critérios de avaliação são construídos em comum. As competências que vamos desenvolver são sempre construídas em comum. E eu acho que isso é o suficiente para que é..., porque é um trabalho de todos. É um trabalho de todas. Somos todas mulheres, neste caso. Já |

| | |
|---|--|
| | <p>tivemos cá um homem, mas agora somos todas mulheres. O trabalho é feito por todas, acho que isso é a base disso tudo. E cada uma se sente responsável pela sua participação naquele trabalho, e acho que é o suficiente, é.</p> |
| F | <p>Então é ser sensata e pôr-se no lugar dele, portanto... eu acho que aí reina o bom senso, as pessoas têm que... eu consigo compreender sempre... as pessoas, tento, tento pronto. Às vezes não me identifico com determinada atitude, mas no fundo eu compreendo-a e não faço daquilo um bicho-de-sete-cabeças e tento apaziguar, tento, oh pá, olha, tento sobretudo passar aquela parte que é mais importante nas pessoas que é dar-lhe valor. E achar sempre que aquela pessoa faz parte do departamento e que faz falta e que tem as suas opiniões e que é muito válida, e isso tudo, por aí.</p> |

ANEXO 3

Grelhas de análise de conteúdo

| DEPARTAMENTOS CURRICULARES | UNIDADES DE REGISTO / Comentários | Indicadores |
|----------------------------|--|--|
| | Considera que há trabalho colaborativo no seu departamento? | |
| A | 2.1.A “Está “ainda aquém do desejável” / ” considero que se tem feito um esforço.” | Percepção |
| B | 2.1.B “Há muita coisa que não se faz de maneira formal, mas em conversas partilhadas.” | |
| C | 2.1.C “tudo acontece com o conhecimento de todos.” / ”Partilhamos tudo, tudo, tudo, tudo!” | |
| D | 2.1.D “No geral posso considerar que sim, sim. Há trabalho colaborativo a vários níveis.” | |
| E | 2.1.E “Muito!” | |
| F | 2.1.F “Falta ainda muito trabalho de equipa.” / “Ainda falta muito” / “... se calhar, sei lá, podíamos, às vezes falar mais das nossas práticas Que, muitas vezes, o tempo não é muito, e depois falta ainda aferir como é que um faz, como é que o outro faz, isto a nível de grupo, penso que, às vezes há falhas aí.” | |
| | Quais os momentos de realização do trabalho colaborativo? | |
| A | 2.3.A “Nos intervalos” / “conversas partilhadas” /”fora do horário escolar” (Tempos de Escola são para substituições) | Quando |
| B | 2.3.B “No início de cada período faz-se balanço sobre a articulação curricular e é feito incentivo.” | Articulação |
| C | 2.3.C Em reuniões parcelares “antes das reuniões mensais” | Onde |
| D | 2.3.D “Planificação”/ “concretização das actividades produção de materiais de apoio” “fichas de aviação. “ | O quê |
| E | 2.3.E “articulação vertical e horizontal” (1º ciclo / educadoras) | Articulação |
| F | 2.3.F “Planificações e critérios de avaliação” (Sente que há lacunas) 2.2.F “conversas informais” 2.5.F Regimento exige 2 reuniões, mas realiza mais | O quê/ Onde |
| | Quais as situações em que é executado esse trabalho? | |
| A | 2.5. A “Ao longo do ano” 2.2. A “Em reuniões de departamento” | Ao longo do ano |
| B | 2.5 B “durante ano inteiro” 3.4.B “a falta de tempo não permite que esse trabalho seja feito de modo formal e para isso recorreremos ao e-mail.” | Reuniões de Dpt. |
| C | 2.5.C “Permanentemente” / “É tudo partilhado por mail, por todos”, e volta a sublinhar - “todos contribuem com o seu trabalho individual.” | Partilha de materiais |
| D | 2.5.D “planificações, é mais no início”, preparação de actividades, produção de materiais | Recurso ao e-mail |
| E | 2.5.E “Os e-mails foi a melhor coisa que houve nesse aspecto, porque às vezes não é preciso falar muito, basta partilhar mais as coisas que estão a fazer e depois basta um telefonema.” | Reuniões de Dpt. |
| F | 2.2.F “É mais, nestes momentos, nas reuniões, que a entreatuda é feita.” | |
| | O que é feito? | |
| A | 2.1. A “Testes comuns” /”planificações mensais / anuais ” 2.5.A “trabalhos extra curriculares” 2.5.A “Não é só matrizes - nós fazemos os mesmos testes - estou-me a referir a..., portanto ... a implementar o mesmo tipo de avaliação, a mesma ficha de avaliação nos mesmos níveis de escolaridade, é isso que eu quero dizer, quando fazemos o trabalho colaborativo, estamos a utilizar os mesmos materiais. É isso que eu entendo por trabalho colaborativo.” | Testes Planificações Actividades Extra curriculares Matrizes Materiais de apoio |
| B | 2.3.B “balanço sobre a articulação curricular vertical e horizontal” e “é feito o incentivo ao trabalho colaborativo” | Articulação Critérios de Avaliação |
| C | 2.1.C “tudo acontece com o conhecimento de todos.” / ”partilhamos tudo, tudo, tudo, tudo!” 2.4.C “um trabalho que foi experimentado”passa à viabilização imediata” | Materiais de apoio Fichas de Avaliação |
| D | 2.3.D “planificações de actividades”, “produção de materiais de apoio”, “fichas de avaliação” | Critérios |
| E | 2.1.E “planifica-se para o mês seguinte” (está em formas de trabalho) | Planificações |
| F | 2.3. F “critérios/planificações curriculares” /”há falhas aí, falta uniformizar” | |

| Quais são os benefícios do trabalho colaborativo? | | |
|--|---|---|
| | 2.4.A “facilita a avaliação dos alunos”/” é mais fácil propor alunos para avaliação externa”/ “uniformidade de critérios de avaliação e leccionação de conteúdos” Existe maior objectividade na avaliação (maior justiça) - “somos mais justos” . 2.8.A “adquire-se maior segurança e melhora-se a auto-estima” / “estamos bem connosco próprios, e portanto, a pessoa sentir-se bem consigo própria é importante” / “trabalha-se em colaboração para, para estarmos, se calhar mais à vontade.” / “ajuda a detectar pequenas falhas” | Uniformidade de Critérios de Maior objectividade na avaliação |
| B | 2.4.B A partilha de 1 experiência é enriquecedora; “materiais mais ricos” 2.8.B “serve também no fundo para aferir resultados” | Materiais mais ricos |
| C | 2.8.C. “tentamos implementar as boas práticas e há maior aperfeiçoamento através da partilha” 2.4.C “As provas de avaliação trimestrais, ao serem elaboradas por grupos, homogeneizam-se critérios de avaiiação.” 2.4.C o ano passado fizemos depois a reflexão final.” / ...“havia ali um núcleo ahh...com alguns problemas, as fichas, os alunos que tiveram mais dificuldade, ao contrário, no sul, foram tidas como normais, não é? O que é que nós fizemos? Depois desse levantamento e desse estudo feito? Afinámos. Tentámos homogeneizar os critérios de avaliação e partim”os depois para a feitura de ... umas fichas que respondessem às necessidades de todos e que não nos trouxessem essas discrepâncias, não é?” . | Aferição de resultados Des. profissional Uniformidade de Critérios de Avaliação |
| D | 2.4.D Há “uniformidade de critérios” / Há “menos dispersão das actividades extra curriculares” 2.8.D “as pessoas enriquecem-se, enquanto profissionais, através da partilha” | Des. Profissional |
| E | 3.3. E “Eu acho que essa partilha só enriquece” 2.4. E (têm filosofia de trabalho baseado no PE do Agrupamento). | |
| F | 2.7. F “Veio promover no aspecto formativo da pessoa, imagina tu, haver troca entre pares. Eu ir às aulas de uma colega e ela à minha, eu acho que isso ...aprendíamos uns com os outros. Não tem que ser forçosamente um relator” 3.1.F “Cada um dá as suas aulas, eu não me meto nisso” | |
| Quais são os objectivos do trabalho colaborativo? | | |
| A | 2.8.A “Adquirir segurança”/ “Melhorar a auto-estima” / “Dar e receber feedback” /”Melhorar a preparação de aulas “/”Aperfeiçoar materiais didácticos” | Des. Profissional |
| B. | 2-8-B “Reflectir sobre os materiais pedagógicos apresentados” (mais evidente entre docentes que leccionam mesma disciplina, o mesmo ano), “Aferir resultados” 3.3.B “A crítica construtiva permite a evolução e a melhoria do desempenho profissional.” | Aferição de resultados Sucesso |
| C | 2.8.C “Ultrapassar situações mais delicadas” (práticas lectivas)/” Aperfeiçoar-se através da partilha”/”Contribuir para o sucesso dos alunos” | Des. Profissional |
| D | 2.8.D “Contribuir para um maior sucesso, aprendizagem” e “enriquecimento profissional” | Articulação |
| E | 2.8.E “...não temos um programa publicado pelo Ministério. Nós temos orientações curriculares que dizem que devemos desenvolver a parte motora, a parte cognitiva, a parte afectiva, pronto. Devemos desenvolver na criança estes aspectos, mas não temos um programa. Nós é que o fazemos. Por isso é que nós estabelecemos metas.” Não havendo programa, as educadoras estabelecem metas e definem os critérios de avaliação. O 1º ciclo faz o feedback: reporta as dificuldades com que as crianças chegam ao 1º ano. As competências são trabalhadas a partir daí. Existem grupos de crianças (dos 3, dos 4 e dos 5 anos). As educadoras articulam entre si. | Definição de competências/c ritérios de avaliação Sucesso |
| F | 2.5.F “Acho que é assim, se nós discutirmos, portanto, as coisas, não é, aquilo que se passa nas aulas, se estamos a analisar, por exemplo, as nossas práticas, muitas vezes isso acontece, porque... Nós trabalhamos, o EVT trabalha com pares, muitas vezes nós fazemos isso. Acho que só estamos a beneficiar o ensino aprendizagem e a escola.” | Reflexão |
| A ADD veio limitar ou promover o trabalho colaborativo? | | |
| A | 2.7.A “Ela veio accionar o “individualismo”. / “se eu vou ser avaliada, então quero fazer algo de diferente, especial, e não vou mostrar ao meu par aquilo que estou a fazer.” | Individualismo Competitividade |
| B | Não há diferença (“a troca de materiais sempre aconteceu”) | |
| C | 2.7.C “A avaliação inter-pares não é fácil, a mentalidade tem de ser construída.” / “não andamos à procura de nenhuma medalha. | Dificuldade de adaptação |
| D | 2.7.D “Não veio promover. Limita, limita, sem dúvida.” / contraria “a partilha desinteressada” /”Penso que haverá algumas limitações, porque o tipo de avaliação que está no terreno, que está agora suspenso, mas que tem estado a vigorar, incute | Competitividade |

| | | |
|--|--|--|
| | alguma competitividade.” | |
| E | 2.7.E “ Eu que estou na CCAD, acho que a avaliação não tem ponta por onde se lhe pegue até porque há características dos professores... que é impossível nós avaliarmos. O compromisso das pessoas com isto ou aquilo, eu acho que é impossível qualquer outro avaliar.” /” Portanto nós estamos todos em pé de igualdade e acho que é isso que está mal na avaliação.” /”Quem sou eu...” Há características dos docentes que não são exequíveis avaliar nas educadoras. | Mal estar Parâmetros de avaliação Falta de tempo |
| F | 2.7.F “Veio promover no aspecto formativo da pessoa” / “Imagina tu, haver troca entre pares. Eu ir às aulas de uma colega e ela à minha, eu acho que isso ...aprendíamos uns com os outros. Não tem que ser forçosamente um relator, estás a perceber... ser uma coisa diferente entre pares e ... as pessoas estarem numa vertente mais formativa, sem ter aquela rigidez, eu ser relatora, tu seres avaliado.” (O modelo de avaliação é considerado demasiado burocrático e moroso /horário escolar muito preenchido). 2.7.F “Poderia promover e contribuir para a formação dos docentes, se os docentes assistissem às aulas uns dos outros, independentemente de serem avaliados ou não.” 2.7.F “Muitas vezes as pessoas não estão, portanto, receptivas a... ” / “os relatores podem assumir uma postura menos adequada” | Falta de ética Des. Profissional Perfil |
| Existem Constrangimentos no desempenho da função de coordenador? | | |
| A | 3.1.A “Tem a ver com a personalidade do coordenador mediar vontades” 3.4.A “falta de hora comum” 2.1. A “Horários não coincidentes” 2.2.A “falta de tempo, falta de horários coincidentes” | Gestão de conflitos Falta de tempos comuns Burocracia |
| B | 3.1.B “Tarefas demasiado burocráticas levam a falta de tempo” 3.4.B falta de tempo 2.5.B “construíamos de base, não era só partilhar, é reflectir e construir, enquanto que este ano há mais troca, não é tanto reflexão” | Déficé de Reflexão |
| C | 3.1.C “Falta de tempo para reunir e reflectir”; 3.4.C “falta de tempo” A obrigatoriedade de reunir não agrada, quando as pessoas são convidadas a reflectir sobre algo aderem com mais facilidade | Falta de tempo |
| D | 3.1.D Departamento muito heterogéneo, abrangente. A coordenadora sente que não está “por dentro” de todas as áreas em termos científicos. 3.4.D “Faltam horas em comum para se poder trabalhar em grupo, imaginemos quem tinha um determinado nível” e espaços 3.1.D “Áreas mais específicas, que eu não tive essa formação de base, tenho algumas dificuldades, não é, e tento realmente conciliar tudo e gerir, mas por vezes não é fácil, não é?” | Heterogeneidade do dpt. Falta espaço Falta de horário em comum |
| E | 3.1.E “Acho que para já não tenho muito perfil para a ... Fui nomeada pelo director.” Considera que não tem perfil. Foi uma imposição. Sente dificuldades com a organização da parte burocrática, não se sente vocacionada para ser coordenadora | Perfil Imposição do cargo |
| F | 2.1.F “ cultura individualista” /insuficiente trabalho de equipa 3.1.F “Nunca estive nos meus objectivos profissionais ser coordenadora.” / “No fundo foi uma imposição por ser titular.” / “A legislação permitiu.” 3.4.F “não aceitam o trabalho dos seus pares. Talvez falta de capacidade para estabelecer inter-relações ” /”não reúnem naturalmente”. “ O meu departamento não é diferente de outros noutras escolas.” 2.6.F “O Projecto Educativo devia ser um documento mais presente. Nós acabamos por fazê-lo intuitivamente.” 3.1.F “As dificuldades são mais relacionais, porque há pessoas que não têm espírito de grupo, são mais individualistas, porque se calhar não me reconhecem, como fui nomeada, e acham... Ai, se eu na avaliação tiver isto ou aquilo, com o dedo levantado, eu faço...”, “Eu sou de EVT e sou relatora dos outros grupos do meu departamento que é Educação Física, Educação Visual, Música e Educação Especial. As pessoas têm muita dificuldade... a palavra avaliar assusta-as.” / “Eu não posso ajudar na parte científica. Eu não vou ensinar nada. O que tento fazer, é, se precisarem de ajuda...Mas não propriamente das aulas.” | Dificuldades relacionais PE Imposição do cargo Individualismo Avaliação Gestão de conflitos Heterogeneidade do dpt. |
| A existência de subgrupos pré-formados limita o trabalho entre pares? | | |
| A | 3.2.A “ seria bom que houvesse, mas a escola quis assim”. /”Seria bom que houvesse uma representante de francês, uma de inglês, uma de portugueses.” | Perfil |
| B | 3.2 B “Não, não noto isso no meu departamento.” | |

| | | |
|---|--|--|
| | Houve uma 1ª experiência que não resultou mas depois decidiu-se concretizar reuniões reuniões parcelares no final da reunião geral de departamento, por grupos disciplinares 4.1.B "onde se conversa sobre aquilo que os docentes consideram mais pertinente e se definem linhas orientadoras para o trabalho em termos de grupo.", por exemplo análise de resultados da avaliação, da preparação das actividades extra curriculares, agora a preparação de novos programas de Matemática." | |
| C | 3.2.C Há grupos formados por ano que "funcionam a todos os níveis." 3.2.C "O grupo nunca é constituído sempre pelas mesmas pessoas, portanto é rotativo." 3.2.C "Os subgrupos..., aqueles grupos que eu falei há bocado funcionam a todos os níveis.". É por ano."/ " A estrutura de subgrupos já está enraizada." 4.1.C "está estipulado no departamento." 3.3.C "As dificuldades, tentamos ultrapassá-las colectivamente." 2.1.C "Nós estamos constituídos em grupos. Temos 4 grupos - cada grupo por ano de escolaridade,/" Isto é, quando um grupo do primeiro ano, não é, planifica para o primeiro ano de todo o agrupamento e depois partilhamos tudo, tudo, tudo, tudo. Portanto desde a planificação anual, a planificação mensal, as actividades do plano anual de actividades, etc - tudo isso é delineado através desses grupos" 2.2.C "Esses grupos funcionam...têm alguma autonomia" /"depois em conselho de docentes afinamos sempre, partilhamos sempre tudo o que cada grupo ou decidiu, ou entendeu que seja melhor," 2.3.C "uma escola – dois professores, regra geral", onde existem parcerias forçosamente, "os grupos reúnem previamente, portanto é feito um estudo e um trabalho prévio, e só depois é que chega à sede de departamento. Em sede de departamento ele é discutido, é analisado e é viabilizado. E depois põe-se em condições de ser executado, de ser operacionalizado." 4.2.C. "Portanto, em cada grupo de ano de escolaridade temos um líder que é o responsável pela recolha, da partilha de outros grupos e, ao contrário, pela divulgação do trabalho também relativamente aos outros grupos, de maneira que isso aconteceu naturalmente, não foi imposto." 4.7.C "Porque do trabalho que temos feito em equipa tem saído bons resultados, daí ...as pessoas sentem mesmo necessidade dos grupos. Repara, os grupos estão organizados de tal maneira que uns reúnem aqui na escola sede, outros reúnem numa escola onde dá mais jeito à maioria deles e, portanto... as pessoas já sentem necessidade desses encontros." Fazem reunião todos os finais de período." | Formas de trabalho O que é feito Formas de trabalho O que é feito |
| D | 3.2.D "Acho que a partilha é desinteressada, que eu me tenha apercebido." 2.1.D "Há colegas que trabalham bastante a esse nível, tem muito a ver com as afinidades." 2.2.D " é mais perceptível nas actividades extra curriculares." | |
| E | 3.2.E "Não são departamentos grandes."/ "Nós, como estamos todas no mesmo nível, só há diferença pela localização das freguesias." 2.2.E "reúnem uma vez por mês " 2.1.E "planifica-se para o mês seguinte" 2.6. E "têm mapa com avaliação mensal individual e depois é mandado por e-mail para toda a gente. "/Quando chegam à reunião, já todos têm conhecimento dessas informações." (Resultado: reuniões menos morosas) | Formas de trabalho Reflexão |
| F | 3.2. F "eu não posso falar pelos outros, eu falo por mim" 3.2.F "eu vou sempre buscar o exemplo de EVT e estamos sempre nas aulas, nós temos sempre que - um não faz nada sem perguntar ao outro, ou seja, aí existe essa comunicação, agora nos outros... poderá haver alguém que, mas eu penso que ainda há muito essa cultura individualista. As pessoas não... isso é uma coisa que era assim antigamente e... custa a sair." (exemplo de trabalho de par em EVT) | |
| É importante a qualidade de interações e uma clima relacional construtivo? | | |
| A | 3.3.A " Claro. Sem dúvida."/ "Já não se consegue impor uma vontade como antigamente." | |
| B | 3.3.B "Claro que sim." A crítica construtiva permite a evolução e a melhoria do desempenho profissional." | Des. Profissional |
| C | 3.3.C "Sempre, sempre, sempre." A partilha de experiencias vivenciadas e de estratégias utilizadas permite alargar os horizontes e ter outros pontos de vista. | |
| D | 3.3.D "Claro, é super importante." | Sucesso |
| E | 3.3.E "Ai, eu considero, pois, isso. ""Quem ganha são sempre as crianças." / "Eu acho que esta partilha só enriquece e não pode haver esses egoísmos que há, porque eu tenho que ter melhor nota..." | |

| | | |
|---|---|---|
| | <p>“Se alguém no nosso departamento está, ou veio com esse espírito, eu acho que já perdeu, porque depois com a força que há, ninguém tem a coragem de tomar uma atitude assim. Isto é o que eu noto como coordenadora. Eu faço também esse papel de apaziguar as vontades e as forças.” (explica que isto mudou pq os concursos eram por um ano e nunca se conseguia estabelecer um relacionamento mais forte.) “Quem vier de fora tem que ..., ou se integra ou então tem uma vida...” “Nós já somos um bloco.”</p> | Des. Profissional |
| F | <p>3.3.F “Porque só há ganhos nisso.” Considera que cada um tem as suas competências, em diferentes domínios, e que se podem complementar através da partilha. Só assim é que o trabalho pode ser construtivo.</p> | |
| Existem constrangimentos para o trabalho colaborativo? | | |
| A | <p>3.4.A “Tem a ver com o carácter das pessoas.” 3.4.A “Hoje as pessoas já não falam assim. Não sei se é por consequência da avaliação” / “Neste momento não vejo constrangimentos para o trabalho colaborativo, a não ser a falta de coincidência de uma hora, pelo menos...que os horários estivessem preparados para...” 2.2. A “ falta de tempo” / “falta de horários coincidentes” 2.1. A “Horários não coincidentes”</p> | Personalidade Falta de disponibilidade horária |
| B | <p>3.4.B “Falta de tempo, o que não permite que esse trabalho seja feito de modo formal e para isso recorremos ao e-mail.” 2.5.B “Eu consumi horas e horas e horas de trabalho em que trabalhei em casa de uma colega. Construíamos de base, não era só partilhar, é reflectir e construir, enquanto que este ano há mais troca, não é tanto reflexão.” / “o trabalho colaborativo exige de todos e nem todos os grupos estão disponíveis para isso”</p> | Partilha através do e-mail Faltam espaços e horas comuns |
| C | <p>3.4.C “Têm de encontrar uma hora bastante adiantada par conseguir reunir toda a gente.” / “Mas é engraçado porque mesmo havendo um elemento que por qualquer circunstância, não pode estar presente, ele partilha e imediatamente é-lhe dado a conhecer o resultado do trabalho feito.”</p> | Recurso ao |
| D | <p>3.4.D “É em termos de horários, que é espaços pré-definidos para podermos trabalhar, pronto em grupo, partilhar trabalho.” / “Faltam horas em comum para se poder trabalhar em grupo, imaginemos quem tinha um determinado nível”</p> | e-mail |
| E | <p>3.4.E. “Os e-mails foi a melhor coisa que houve nesse aspecto, porque às vezes não é preciso falar muito, basta partilhar mais as coisas que estão a fazer e depois basta um telefonema” Têm componente de apoio à família, “Fazemos um plano de actividades que entregamos, que é feito com elas e depois vamos dando sugestões e materiais.”</p> | |
| F | <p>3.4.F “Os constrangimentos vêm das pessoas muitas vezes não aceitam o trabalho do outro e também da falta da capacidade das pessoas se juntarem. Isso não tem que ser uma coisa formal. As pessoas têm que fazê-lo naturalmente, e acho que isso não se faz. Há muita falta de trabalho de equipa nas escolas.” / “Eu acho que é devido ao individualismo.” 2.1.F. “não reúnem naturalmente” / “ O meu departamento não é diferente de outros noutras escolas” (cultura individualista, insuficiente/falta trabalho de equipa não aceitam o trabalho dos seus pares, talvez por incapacidade para estabelecer inter-relações.</p> | Individualismo Personalidade |
| Estimula os docentes a trabalhar em parceria? | | |
| A | <p>4.1.A “pois, se calhar ... não sei.” “Acho que as pessoas já trabalham mais em parceria.” “Se calhar ainda não é o desejável, não é?”</p> | |
| B | <p>4.1.B “Durante os anos anteriores e no 1º período foram feitas reuniões por grupos disciplinares (o que não volto a fazer, porque tinha de estar em 5 reuniões diferentes e o que acabou por sobrar para mim. Tinha de fazer 5 actas.” 4.1.B “Agora, normalmente, no fim de cada reunião de departamento há reuniões parcelares, por grupos disciplinares, onde se conversa sobre aquilo que os docentes consideram mais pertinente e se definem linhas orientadoras.” -Análise de resultados da avaliação; preparação das actividades extracurriculares; agora preparação dos novos programas de Matemática</p> | Perfil O que é feito |
| C | <p>4.1.C “Sempre.” / “toda a gente faz a partilha” / “no contexto da sala de aula ou então no contexto global.” Actividades comuns que estão delineadas no PAA. Fruto das circunstâncias – “uma escola – dois professores, regara geral” , existem parcerias forçosamente .</p> | Formas de trabalho |
| D | <p>4.1.D “Sim, sim, sim.” / “Logo desde o início.” / “Normalmente as pessoas são organizadas por ano para fazerem determinadas planificações, para produzirem testes diagnósticos. Tudo isso é promovido.”</p> | |

| | | |
|--|--|---|
| E | 4.1.E “Sim, sim. Sim, sim. Aqui são mais as actividades extra curriculares.” / “Nos jardins, onde há duas salas, o trabalho é feito em parceria”. “No início, a ideia do projecto ser sempre igual, foi sempre de mim que partiu.”/”Até que entendessem que o tema era comum e que podiam trabalhar à maneira delas ... demorou algum tempo. Mas hoje toda a gente valoriza isso.” Aqui a coordenadora menciona apenas as actividades extra curriculares, tendo havido inicialmente alguma resistência, receando que, por terem de trabalhar para uma projecto comum teriam de abdicar de trabalhar à sua maneira. “nunca aceitaram muito bem as colegas. Mas hoje toda a gente valoriza isso.” | Actividades extra curriculares |
| F | 4.1.F “Quando ... alguém se exalta mais e eu fico ali no meio, tenho que tentar apaziguar.” 4.1.F “Estimulo, na medida em que, quando lhes digo, que por exemplo que têm que ter as planificações com, com... tentar, por exemplo, uniformizar matrizes, quando tento dizer-lhes...” | Perfil/ Gestão de conflitos |
| Como é fomentado o desenvolvimento de interações participativas? | | |
| A | 4.2.A “o trabalho é elogiado em acta.” / “Faz-se o mapa mensal do trabalho e ... fica sempre registado como decorreu.” | Registo em acta |
| B | 4.2.B “Em reuniões de departamento” / “Ocorre informalmente, muitas das vezes.” 2.8. B “Eu acho que, sobretudo, a reflexão sobre os materiais pedagógicos apresentados aos alunos, uma vez que esse trabalho colaborativo é mais evidente entre docentes que leccionam a mesma disciplina e o mesmo ano e depois serve também no fundo para aferir resultados.” 4.2.B “Por e-mail, quando há algum assunto pertinente em que se pede a colaboração de colegas. Ocorre informalmente, muitas das vezes.” | Grupos de trabalho e-mail |
| C | 4.2.C “Em cada grupo de ano de escolaridade há um líder responsáveis pela recolha, partilha e divulgação do trabalho, também aos restantes grupos.” (do 1º ao 4º ano “Esse líder sobressaiu pelas suas condições natas” “ser um bom comunicador” , “ter facilidade de relacionamento” . “Isso aconteceu naturalmente, não foi imposto.” | Grupos de trabalho (1 líder/ano escolaridade) |
| D | 4.2.D “apela [se] à concretização de algumas actividades extra curriculares” e se apresentam “propostas para levar a Conselho Pedagógico.” Em reuniões de departamento preparam-se as actividades extra curriculares; apresentam propostas para levar a CP “as pessoas são levadas a participar nas várias coisas que vão ocorrendo ao longo do ano.” | Faz-se apelo Em reunião de Dpt. |
| E | 4.2. “É sempre no departamento.” Além da coordenadora de departamento, há mas 2 coordenadores do centro (quando há mais de 3 salas no edifício) tem de haver 1 coordenador. | |
| F | 4.2.F “Tento motivá-los no sentido de haver um diálogo, que é aí que eu penso que falha muito.”/ “Há pessoas que ainda acham que não temos legitimidade. Ainda ficou um bocadinho isso por resolver.”/ “Como fui nomeada...” Considera que não é aceite por alguns docentes. 2.5.F “Depois é ... pronto, há aqueles momentos de reflexão, se aquilo que estava planificado foi feito, ou se foi feito bem, ou se podia ... Isso é feito nas reuniões.” 2.8.F “Acho que é assim, se nós discutirmos, portanto, as coisas, não é, aquilo que se passa nas aulas, se estamos a analisar, por exemplo, as nossas práticas, muitas vezes isso acontece, porque... Nós trabalhamos, o EVT trabalha com pares, muitas vezes nós fazemos isso. Acho que só estamos a beneficiar o ensino aprendizagem e a escola.” | Perfil Reflexão |
| Porque é que há docentes que tendem para o isolamento profissional? | | |
| A | 4.3.A Tem a ver com “a sua maneira de ser”, | Personalidade |
| B | 4.3.B “Não há nenhum caso de fecho profissional.” | |
| C | 4.3.C “Uma escola tem dois docentes. Inevitavelmente eles ... fazem parcerias, trabalham em equipa, partilham.” / “Eu posso estar duas horas dentro da minha sala a trabalhar individualmente, mas a seguir, ou no intervalo, ou a meio eu vou e partilho sempre.”/”Há sempre interacção, sempre! “Há sempre interacção devido às circunstâncias do trabalho.” | Perfil |
| D | 4.3.D “Se calhar há alguns que por feitio são mais inibidos, mais tímidos, mas eu tento diluir... e incentivo as pessoas a reunirem-se e tal.” A maneira de ser, a personalidade podem ser condicionantes. | Personalidade |
| E | 4.3.E Muito tempo de serviço; “dificuldade de integração” Resistência à mudança. | |
| F | 4.3.F “As pessoas não separam os problemas pessoais dos profissionais, há instabilidade no país.” | |

| Razões para que haja isolamento profissional no seio do departamento | | |
|---|---|--|
| A | 4.4.A "personalidade mais reservada" ou "não querem mostrar o seu trabalho" | Personalidade/ Competitividade |
| B | Não tem. | |
| C | 4.4.C "Aquele isolamento físico existe, mas depois... não há, não há!" / "temos canais de comunicação" Houve uma quebra com os hábitos do passado através do recurso ao e-mail, que "já se tornou numa rotina para os docentes." | e-mail |
| D | 4.4.D "É uma questão de feito", [porque] "Estávamos habituados a trabalhar individualmente" / "e isso demora uma bocadinha a mudar. Julgo que o processo das mudanças não é fácil". | Personalidade |
| E | 4.4.E "É uma pessoa que já é mais velha, já está no topo da carreira e está contra isto tudo da avaliação, desta legislação." "Já não faz um esforço para..." "Eu acho que ainda vai demorar muito tempo para ela." | Perfil |
| F | 4.4.F "A culpa nunca é de uma só pessoa. Até pode ser da pessoa que está à frente do departamento, porque não?" / "que não tenha perfil" / "para mim, coordenar não é mandar, não tem nada a ver." Mas às vezes aquela pessoa, pela sua forma de ser, que tenha uma maneira defazer as coisas...diferente ... de, de ... transmitir aos outros, se calhar mais segurança." | |
| A | 4.4.A "personalidade mais reservada" ou "não querem mostrar o seu trabalho" | |
| Que situações são desenvolvidas para inverter o isolamento profissional? | | |
| A | 4.5.A "Eu tenho tentado, muito subtilmente, vocês se calhar não notam, tenho tentado pedir a colaboração desses colegas para mostrar que eles são importantes e o que eles pensam, como é importante." / "portanto, dei-lhe alguma, como é que eu hei-de dizer, alguma visibilidade porque ele faz algum trabalho bom, só que não partilha muito, apesar de haver muito rigor e se calhar ele ser exigente." / "eu pedi que ele partilhasse para não estar profissionalmente isolado" "eu acho que ainda hoje, ainda hoje, me mandou uma matriz que ele utiliza para o secundário." | Perfil |
| B | 4.5.B "Não se aplica" | e-mail |
| C | 4.5.C "Estabeleceu-se, de comum acordo, um canal de partilha através da Internet via e-mail." Todos parecem ter aderido bem a esse método/estratégia. | |
| D | 4.7.D "Chamo à atenção"/"Tento sempre que surja algo, que possa ser feito em grupo" Está atenta às oportunidades para que se possam organizar actividades em conjunto. 4.5.D "para cada situação há sempre um alerta adequado para que as pessoas possam congregiar esforços, não é? Sempre que é possível, às vezes não é possível. " | Faz apelo à colaboração |
| E | 4.7.E "cada uma sente-[se] responsável pela sua participação naquele trabalho, e acho que é o suficiente, é. " | Perfil |
| F | 4.7.F "As minhas estratégias são aquilo que eu sou na minha essência como pessoas." / "São intuitivas, tem a ver com a minha personalidade." / "Às vezes não me identifico com determinada atitude, mas no fundo compreendo-a." / "Tento sobretudo passar aquela parte que é mais importante nas pessoas, que é dar-lhe valor. E achar sempre que aquela pessoa faz parte do departamento e que faz falta e que tem as suas opiniões e que é muito válida." Reage intuitivamente. Consegue adaptar-se à maneira de ser de cada um. | |
| A promoção do trabalho colaborativo depende do perfil do coordenador? | | |
| A | 4.6.A "Não só, mas também" Pode depender numa parte. Não tenho dúvidas nisso." "Tem que saber liderar"; "trabalhar em equipa"; tem que "ter inteligência emocional"; "experiência"; "leituras na área." | Liderança Gosto pelo trabalho em equipa |
| B | 4.6.B "Depender na totalidade, se calhar não depende." / "O trabalho colaborativo tem de partir de cada docente e tentar pô-lo em prática." | Inteligência emocional |
| C | 4.6.C "Tem de ser uma pessoa que realmente goste também de trabalhar em equipa, que reconheça mais-valias nesse trabalho, para depois poder passar aos colegas de departamento." Fala do seu ponto de vista. Dá o seu contributo pela experiência que tem e por gostar de partilhar, conversar, tenta inculir nos colegas, que sendo mono docentes, há necessidade de partilhar. Toma iniciativa. | Iniciativa |
| D | 4.6.D "Também é capaz de depender." "Acho que sim, que depende um bocado, sem dúvida, do perfil. " / "Tem de ser alguém que esteja aberto ao trabalho colaborativo, que goste de trabalhar em equipa, que reconheça mais valias." | Gosto pelo trabalho em equipa |
| E | 4.6.E "50% depende do coordenador." "O coordenador tem que ter a capacidade de conseguir levar o grupo todo a trabalhar com satisfação" O modo como o grupo encara o trabalho passa muito pelo modo como o próprio coordenador encara o trabalho. " / 4.6.E "se o coordenador vai para ali - já tivemos uma coordenadora que é nossa colega, que é uma excelente profissional e que era muito ansiosa e muito nervosa, quando começou isto tudo da avaliação, e todos nós andávamos assim, nervosos e ansiosos | |

| | | |
|--|--|--|
| | porque ela transmitia isso.” / “Eu acho que o coordenador deve transmitir outro tipo de atitude, de gosto por aquilo que se faz, de empenho, porque acho que toda a gente depois começa... não é preciso muito tempo para as pessoas começarem a seguir o exemplo.” | |
| F | 4.6.F “Não, não. É de todos, apesar do coordenador ter aí um papel preponderante.” | |
| Medidas aplicadas para que todos trabalhem em colegialidade | | |
| A | 4.7.A “Reuniões sectoriais no início do ano.” / “Depois vou deixando uma certa liberdade às pessoas para se organizarem, sem estar ali a verificar, uma a uma, o trabalho que é feito. Vou tentando supervisionar, entre outras.” | Reuniões sectoriais Supervisão |
| B | 4.7.B Discrepância de horários. Não há tempos. | |
| C | 4.7.C “Isto está instituído.” / “Nós sentimos profissionalmente necessidade de partilhar “as pessoas sentir-se-iam mal” -“porque do trabalho que temos feito, tem saído bons resultados.” | Falta de tempos comuns Formas de trabalho |
| D | 4.7.D “tem de haver regras que têm que ser estabelecidas” / “as pessoas são co-responsabilizadas” | Co-responsabilização dos colegas |
| E | 4.7.E “Eu não aplico medidas.” O que é construído em comum: “projecto curricular”; “PAA”; “critérios de avaliação”; “as competências” / “ porque é um trabalho de todas.” | |
| F | 4.7.F “Às vezes não me identifico com determinada atitude, mas no fundo compreendo-a.” / “tento apaziguar” “tento sobretudo passar aquela parte que é mais importante nas pessoas que é dar-lhe valor. E achar sempre que aquela pessoa faz parte do dpt e que faz falta e que tem as suas opiniões e que é muito válida.” | Trabalho cooperativo Gestão de conflitos |
| Práticas de reflexão | | |
| A | - | |
| B | 2.5.B “Eu consumi horas e horas e horas de trabalho em que trabalhei em casa de uma colega. Construíamos de base, não era só partilhar, é reflectir e construir, enquanto que este ano há mais troca, não é tanto reflexão, porque esse trabalho colaborativo exige muito de todos e nem todos os grupos estão disponíveis para isso.” 2.8.B “Eu acho que, sobretudo, a reflexão sobre os materiais pedagógicos apresentados aos alunos, uma vez que esse trabalho colaborativo é mais evidente entre docentes que leccionam a mesma disciplina e o mesmo ano e depois serve também no fundo para aferir resultados.” | Formas de trabalho |
| C | - | |
| D | - | |
| E | - | |
| F | 2.5.F “Depois é ... pronto, há aqueles momentos de reflexão, se aquilo que estava planificado foi feito, ou se foi feito bem, ou se podia ... Isso é feito nas reuniões.” 2.8.F “Acho que é assim, se nós discutirmos, portanto, as coisas, não é, aquilo que se passa nas aulas, se estamos a analisar, por exemplo, as nossas práticas, muitas vezes isso acontece, porque... Nós trabalhamos, o EVT trabalha com pares, muitas vezes nós fazemos isso. Acho que só estamos a beneficiar o ensino aprendizagem e a escola.” | |
| Práticas de articulação | | |
| A | - | |
| B | 2.3. B “Normalmente nós fazemos sempre no início de cada período, nessa reunião fazemos o balanço sobre a articulação curricular, vertical e horizontal.” | |
| C | - | |
| D | - | |
| E | 2.3. E “temos também os TEs que é as horas do tempo de estabelecimento, em que também usamos para articular, mais a nível dos Jardins-de-Infância com o 1º ciclo daquela localidade que também articulam ou o Jardim-de-infância da mesma freguesia.” 2.8.E “depois de sabermos, com a articulação do 1º ciclo, quais são as dificuldades com que eles chegam ao 1º ano do 1º ciclo, é a partir daí começámos a definir as competências que eles vão desenvolver.” 3.4.E “Ainda agora vamos estar em reunião de articulação com o 1º ciclo” | Formas de trabalho |
| F | - | |

Grelha de categorização resultante da análise de conteúdo

| Categorias | Indicadores |
|--|--|
| 1. Procedimentos colaborativos | 1.1. Percepção dos coordenadores face à colaboração 1.2. Formas de organização/promoção de trabalho em equipa 1.3. O perfil do coordenador, promotor da colegialidade docente 1.4. Estratégias de combate a situações obstaculizadoras da colaboração 1.5. O Projecto Educativo – fonte de colaboração e de reflexão |
| 2. Percepção sobre o trabalho colaborativo desenvolvido | 2.1. O trabalho individual versus o trabalho colaborativo 2.2. Dos objectivos da prática colaborativa / reflexiva ao desenvolvimento profissional 2.3. Benefícios decorrentes do trabalho colaborativo |
| 3. Dificuldades na implementação da colaboração | 3.1. A dualidade da avaliação docente - fonte de promoção e/ou restrição 3.2. Dificuldades sentidas no desempenho do coordenador |